



maçã
do amor



As Palavras Certas	4
Texto livre	18
Amar é Revolucionário	19
<i>Malus Restituta</i>	20
Lista de Filmes	34
MIMICS	36
Assim Teria Sido	51
Correio Elegante	52
Ilustração	54
Créditos	55

Carta do editor

Mais um Dia de São Valentim chegou, trazendo diversas e diversas declarações nas redes sociais. Mas por que comemorar esta data, quando temos o Dia dos Namorados em junho? Seria uma forma de se conectar com a porção de amor que acontece em tantos lugares do mundo? Seria uma jogada de marketing... ou seria apenas uma desculpa para poder exaltar aquilo que não deveria precisar de data?

Procuramos as palavras certas e o momento ideal. Caçamos a foto perfeita e passamos o dia escrevendo uma longa legenda. Gastamos tempo para mostrar ao mundo o que sentimos, enquanto deveríamos nos preocupar mais em apro-

veitar... Permitir-se apenas sentir, contemplar e, por fim, agradecer por mais um dia com aquele se ama.

Seja Dia de São Valentim ou não. Em silêncio ou com música de fundo. Com luzes de velas ou com a televisão ligada. Não importa muito a forma, o que importa é o conteúdo: o amor, que é tão mais fácil de se encontrar em um olhar do que em uma longa legenda.

Deixemos para trás as convenções e fiquemos com o que importa. Sigamos amando, pois amar é... Amar simplesmente é.

Luísa Scheid

As Palavras Certas

Autoria: Thiago Loriggio | Edição: Luísa Scheid | Revisão: Thais Rocha

Estava pelo centro quando topei comigo mesmo.

Foi uma experiência curiosamente simples. Uma hora caminhava distraído, pensando na namorada, noutra encarava uma cópia perfeita da minha própria expressão estupefata. Não: não era perfeita. Não tinha barba, o cabelo estava maior, a roupa diferente, o corpo esguio...

Era eu. Eu uns dez anos atrás. Reconheci o uniforme do colégio, a mochila, reconheci até a cara de paspalho que eu provavelmente estava imitando.

— Me diz que você é real — falei, num sussurro urgente.

Agarrei o outro eu pelos braços, olhando a rua à nossa volta. O centro estava igual, mas... Quando que o centro mudava? Era o mesmo desde sempre. Os mesmos prédios, as mesmas lojas, as mesmas ruas desgastadas.

— Quem é você? — disse ele. — O que tá acontecendo?

— É isso mesmo que você tá pensando — respondi, ainda procurando algum sinal óbvio do impossível que estava acontecendo. — A gente tá em algum buraco do tempo, entende? Eu e você, em épocas diferentes. Isso...

Podia acabar a qualquer instante. Precisava começar pela coisa mais importante.

— Compra bitcoin.

— Bitquê?

— Fica quieto e escuta. Vai pra casa e compra bitcoin. Ou minera, não sei se ainda vale a pena. No seu tempo deve valer centavos, mas no futuro vai valer tipo dezenas de milhares de reais.

— Quê? — repetiu o eu do passado, olhos arregalados ao máximo. Jesus, eu tinha mesmo tanta cara de idiota?

— Procura no Google. Bitcoin. Repete.

— Comprar ou minerar o que quer que seja bitcoin. Colocar no Google. Como que eu compro isso? Ou... minero? É uma pedra?

— Se eu entendi, você vai entender — falei, sorrindo.

Apertei os braços dele, os meus braços, vendo o eu do presente refletido nos olhos do passado. Nenhum de nós piscava. Acabaria a qualquer momento; a coincidência quântica ou qualquer que fosse a força que nos juntava ali. Esperava vê-lo sumir sem aviso. Pensei em algo a mais para dizer, mas

nenhum outro conselho era tão objetivo.

Continuamos nos encarando. Nada aconteceu.

— Inesperado — falei, coçando o nariz. — Não parece tão instável. Legal. Ótimo. Incrível! Caramba, você percebe a chance que temos?

— A... acho que sim. Você pode...

— Eu posso falar tudo que acontece! — interrompi, o coração pul-sando. — Eu posso resolver tudo! Você vai se dar tão bem! Vamos sentar em algum lugar e conversar, eu posso...

— Espera — interrompeu ele —, quem que tá viajando no tempo? Eu ou você?

— Boa pergunta. — Tirei o celular do bolso. — Eu tô com sinal, até recebi notificação... — Parei ao notar o olhar vidrado dele no meu celular velho. — É, no futuro todo mundo tem um desses. Enfim, talvez nós dois estejamos viajando. O centro é sempre o mesmo. É sempre...

Olhei para os lados, procurando algo que reforçasse essa convicção. As placas pareciam iguais. As pessoas podiam ser de qualquer época. A praça era...

Havia uma garota na praça. Estava recostada em uma árvore, olhando para os lados. Seu cabelo azul dançava na brisa. Ainda não nos vira.

— Ah, não.

— O que foi? — disse meu eu passado.

— Lembrei que dia é hoje. É depois da festa, né? Você tá aqui pra en-contrar com ela.

— Sim — respondeu ele. Sua voz tremia.

— Cara, não sei quanto tempo temos. Eu posso resolver a sua vida toda! Posso contar tudo que acontece, te preparar, te dizer o que fazer! Esque-ce ela e vem comigo.

— Esquecer ela? — Ele arregalou os olhos. — Você tá maluco? Se você sou eu, você sabe o que tá acontecendo comigo. Não posso fazer isso. Não consigo. Ela é...

— Lésbica — cortei.

A palavra atingiu o coração dele como uma lança de gelo, como fez comigo, anos atrás. Não: pior. Quando descobri, já restava pouco do que um dia senti por ela.

— Olha só — comecei, abrindo o perfil dela no celular —, essa é ela com a namorada. Elas moram juntas. Acho que até devem ter casado. Não sei. Não falo com ela há...

Meu eu passado mirava as fotos, paralisado.

— Ah, qual é, cara — falei, frustrado. — Não é culpa sua, entende? Não é porque você é idiota, ou frouxo, é porque a praia dela é outra. É um motivo lógico, não alguma subjetividade incerta. Você arranja outra namorada depois, e... — Ele não reagia. — Por favor, me diz que eu tava certo. Que essa informação vai tornar a rejeição mais fácil.

— Rejeição?

— É — respondi, tentando suprimir as memórias daquele dia. — Esquece ela e vem, eu te poupo deste momento.

Coloquei o celular no bolso e dei um passo para longe. Ele não se moveu.

— Não dá — disse ele. — Preciso ir falar com ela.

Levei as mãos à cabeça, irado.

— Você tem noção do que tá acontecendo? Ela nem fala com você depois! Ela some da sua vida! Você vai sacrificar a chance que temos pra ir falar com ela e ser rejeitado? Ela não merece isso!

— Ela merece sim — respondeu meu eu passado, convicto. — Ela merece tudo que eu tenho.

— Diabo, por que eu tenho que ser assim? Não merece não! — Era verdade? Ela foi importante para mim... — Tá bom, pode merecer, mas não temos tempo pra isso. Se você for falar com ela vocês vão conversar por uma hora... Então, olha só: eu vou. Falo tudo rápido, tomo um pé na bunda em vinte segundos e aí voltamos pro que importa. Certo?

Ele piscou, incrédulo. Jesus, eu era tão passivo assim? Bom, decidir por ele era literalmente decidir por mim mesmo. Fui na direção do parque, vendo meu eu adolescente entrar em pânico, inclinando o corpo como se fosse me seguir, mas recuando, incerto.

Atravessei a rua e acenei para ela. Pela primeira vez em anos o olhar da garota de cabelo azul fixou-se no meu.

Eu achei que não sentiria nada. Qual é, fazia dez anos. Eu não trocava uma palavra com ela há pelo menos cinco. Não mandava, nem recebia, feliz aniversário. Um fantasma na minha vida, um espectro de um amor passado. Eu tinha outra namorada.

Mas não consegui não sentir. Ali estava ela, a imagem perfeita da minha paixão adolescente, idêntica às minhas memórias idealizadas. Não era tão bonita: com os anos, e uma análise profunda, concluí isso. Mas não fazia diferença. Nunca me importei. E percebi que ainda não me importava.

— Oi — disse ela, abrindo o mesmo sorriso sem graça que abriu dez

anos atrás, um sorriso curto que ficara estampado na minha memória. Ela sorria daquele mesmo jeito depois, dizendo que deveríamos ser só amigos ou coisa assim. Ela franziu o cenho. — Você tá... diferente.

Inspirei fundo, suprimindo os sentimentos que voltavam, como fiz por tanto tempo. Tomei aquela emoção quente de adolescente e substituí por planos frios, já pensando no que ensinaria ao meu eu passado.

— Deixei a barba crescer — respondi, olhos grudados nos dela. — Escuta, eu sei que você sabe o que tá rolando. Vamos fazer isso rápido.

Dez anos atrás, a conversa não começou assim. Teve um tom de desculpa, um desvio atrás do outro, até a declaração mais sem confiança já proferida por um adolescente incerto. Nada direto, nada assertivo. Uma hora de conversa para um pedido inseguro que me causou arrepios por anos.

Antes de descobrir que o problema era meu gênero, achei que foram as palavras. Que eu tinha sido frouxo, indeciso, sei lá. Que fora culpa minha, e a culpa me corroeu. Se eu tivesse usado as palavras certas, se eu tivesse dito o que eu realmente sentia... Passei noites em claro revivendo aqueles momentos. Encontrando as palavras mais sinceras, mais verdadeiras.

Dez anos. E eu ainda me lembrava de cada uma delas.

— Eu falava sério. Não sei se você me ouviu na festa, mas eu disse que te amava. Não foi coisa do momento. Não foi de graça. Eu nem achava que você ia me beijar. Pensei em milhares de jeitos de dizer isso sem ser clichê, mas o clichê nasce das grandes verdades. E a grande verdade é que um vislumbre do seu sorriso faz qualquer dia meu valer a pena. Você foi a única coisa que manteve minha sanidade nos anos difíceis do colégio. Me desculpa por não ter notado quando você precisava de alguém. Então, me deixa consertar isso. Me deixa tentar te fazer feliz. É tudo que eu quero.

Ela arregalou os olhos, sem fôlego, a boca semiaberta. Aquela já foi a maior verdade da minha vida. Era bom colocá-la para fora, principalmente para quem deveria ouvir, mesmo sabendo que não adiantaria. Era terapia. O último prego no caixão dos meus sentimentos por ela, finalmente pronto para ser enterrado. Eu sorria, não por sentir tudo que disse sentir, mas por tirar tudo do peito.

Os lábios dela vieram sem aviso. Antes que eu pudesse reagir ela já estava nos meus braços, como naquela memória bêbada de um dia (e dez anos?) atrás. Desta vez, porém, não durou uns poucos segundos. Não, não. Durou uma era.

Não era para aquilo estar acontecendo. Ela tinha que ter me rejeitado. Tinha que ter ido embora, e agora eu deveria estar conversando com meu eu

passado, replanejando as nossas vidas.

A garota de cabelo azul me segurava com força, enterrando as mãos no meu cabelo, o corpo grudado no meu. Tudo voltou num raio. O caixão, que descia rumo à cova, inflamou-se. As palavras que falei há pouco, ensaiadas e entregues sem um décimo dos sentimentos que as motivaram, voltavam a...

Não. Fazia dez anos. Não, não, não. Eu tinha outra namorada. Não era para isso estar acontecendo.

— Nem sei o que dizer — disse ela. — Preciso ir agora, mas... vamos sair hoje. Te espero na frente de casa umas oito, pode ser?

Ela não esperou resposta. Trocamos um beijo rápido e ela se foi, radiante. Acho que nunca a tinha visto sorrir assim.

Fiquei parado no meio da praça, sem entender, ou acreditar. Não. Ela gostava de garotas. Ela tinha namorada. Eu tinha namorada. Era para eu ser rejeitado, e...

Meu eu passado. Olhei para onde havíamos nos encontrado, aliviado ao vê-lo ainda ali. Estava sério, solene. Acenou para mim, e sua imagem começou a ficar turva. Quando cheguei até ele, ele não estava mais lá.

O centro continuava o mesmo.



O resto do dia foi surreal. Não vi outras figuras do passado, apesar da sensação estranha ter ficado na cabeça, nos lábios. Passei na casa da garota de cabelo azul às oito e ninguém esperava por mim. Achei-a nas redes sociais, com a namorada e tudo. Que loucura. Marquei uma consulta em um neurologista e fui para casa, encontrando minha namorada já dormindo. Quase a acordei para conversar, mas o que dizer? “Te traí com o espectro da garota que eu gostava no colégio”? Por um lado ela que me beijou, por outro, eu me declarei... Não me sentia errado na situação. Não era o que eu queria, certo?

Devia ser estresse. Caí no sono rápido.

Acordei no dia seguinte com um sentimento familiar, da manhã depois de uma festa quase esquecida. Uma coceira, uma dúvida, um vislumbre de cabelo azul. Estiquei-me na cama, achando que fora só um sonho, e esbarrei em algo. Um travesseiro? Sentei-me, notando um gato amarelo dormindo do meu lado. De onde veio aquele bicho?

Não era a única estranheza. A cama estava diferente. Havia um quadro na parede. A porta estava no lugar errado, como a janela. E, deitada do meu lado...

Uma garota de cabelo azul.

Meu coração disparou. Ela estava de camisola, ressoando baixinho. Demorei para entender o óbvio: eu não estava em casa.

Levantei-me em silêncio, mas o gato acordou e saltou da cama. Ela grunhiu atrás de mim. Congelei. Como eu tinha ido parar ali? Como explicar?

— Que horas são?

Peguei o celular na cabeceira (um modelo diferente, que reconheceu minha digital) e hesitei. Quem ela esperava ali? A namorada? Será que eu deveria responder?

— Sete — falei.

— Daqui a pouco levanto — disse ela, virando-se para o outro lado da cama.

Saí do quarto com cuidado, como se um passo em falso pudesse destruir aquela ilusão e me jogar no vazio dos sonhos. Mas, de novo, qualquer que fosse a coincidência quântica que tinha me colocado naquela situação, parecia estável. Belisquei meu braço, e doeu. Se bem que eu sempre sonhava que me beliscava, e sempre sentia dor. Inconclusivo.

O quarto dava para uma sala ampla, com enormes janelas de vidro enquadrando o nascer do sol. Era um apartamento elegante, cheio de móveis brancos e prateados. Fui até a sacada, vendo o mar no horizonte e a rua abaixo, os carros parecendo formiguinhas impacientes.

Isso era uma cobertura? Como..?

Bitcoin. Eu comprei bitcoin dez anos atrás, depois de...

As memórias surgiram como agulhas no cérebro. Lembrava de coisas duplicadas, duas versões da vida. Em uma eu comprava bitcoin, ficava com a paixão adolescente e ia morar naquele apartamento, enquanto em outra eu tomava um pé na bunda e seguia a vida até conhecer...

Joguei-me no sofá, abrindo o perfil da minha namorada, o coração acelerado. Ela estava igual, mas não reconheci as pessoas nas fotos, os lugares, os eventos. Percorri os posts, frenético, tentando...

— Stalkeando uma menina tão cedo?

Pulei no lugar, deixando o celular cair no chão. A garota de cabelo azul riu, pegando o aparelho e sentando-se ao meu lado. As memórias voltavam com tudo, de todo um relacionamento com ela, como tanto fantasiei na adolescência. Tomando café e olhando o alvorecer; uma centena de manhãs perfeitas como aquela.

— É bonita — disse ela, vendo as fotos da minha namorada no celular.

— Ela... é uma...

— Não precisa se justificar — disse ela, lançando o celular no meu colo e indo até a cozinha. — É instinto. Desde que você não me traia, não vou te julgar. Não é como se eu não olhasse fotos de meninas bonitas quando você não está por perto.

— Não... — Franzi o cenho. — Você olha?

Ela sorriu, ligando a cafeteira e voltando até o sofá, beijando-me de leve.

— Que cara é essa? Ciúmes? Dez anos e não te troquei por nenhuma menina!

Arregalei os olhos. Ela é bissexual! Como nunca pensei nisso?

A resposta era óbvia: assim eu podia achar que não foi culpa minha. Já que, agora, sabia que foi: se eu tivesse falado as palavras certas, sido mais incisivo, ela teria ficado comigo. Como ficou. Mas e a minha vida? E a minha namorada?

— Vou tomar um banho — disse ela.

A camisola dela caiu do meu lado do sofá, e ouvi passos descalços. Meu coração acelerou. Eu deveria olhar? Ou não olhar que seria estranho? Continuei pensando nisso, suprimindo a pergunta mais importante: eu queria olhar?

O chuveiro soou, tirando a decisão de mim. Levantei-me devagar, suspirando, e dei de cara com a porta aberta do banheiro. Desviei os olhos rápido... não, não tão rápido.

— O que foi? — disse ela. — Quer entrar?

Eu deveria? Lembrava de dividir banhos com ela. Muitas vezes. As memórias saltaram na mente, imagens, sons, conversas, situações... e sentimentos.

— Preciso dar uma passada no centro — falei.

Troquei de roupa e saí de casa, descendo pelo elevador do condomínio chique e encontrando um carro caro na garagem.

Meu instinto era voltar ao centro e descobrir como reverter o acontecido, mas... eu queria mesmo isso? Eu era rico. Eu estava com a garota que sonhei durante toda a adolescência. Não era isso que eu queria?

Tirei o celular do bolso, vendo as fotos da minha namorada. Meu coração palpitava. O que eu queria?



O centro continuava o mesmo.

Achei o prédio que a minha namorada (paralela? futura? ex?) traba-

lhava, e esperei por ela. Era bizarro fazer isso? A gente estava junto há anos! Bem, não dez anos, como eu e a garota de cabelo azul... Nossa, uma década e ainda não tínhamos nos casado?

Desembaralhando as duas versões do passado, notei várias estranhezas. Eu era podre de rico, mas ainda tinha um emprego normal, aquele que sonhei ter quando escolhi a faculdade. Faculdade que, por sinal, foi perfeita, cheia de noites divertidas que pareciam saídas de filme, sem madrugadas estudando, festas frustrantes e relacionamentos ruins. E meu namoro com a garota de cabelo azul parecia, à sua maneira, uma comédia romântica.

A nova vida não era ruim: pelo contrário, era perfeita. Era a vida que eu tinha planejado, na época que não entendia como o mundo funcionava. No outro passado, as coisas não deram tão certo, e fui me frustrando, entendendo as complicações da realidade... e, no meio do caos, conheci a garota que vi surgindo na esquina.

Um calafrio subiu pela minha espinha. Era mesmo ela. Uma versão alternativa dela, que não me conhecia em uma festa qualquer e passava a madrugada comigo conversando sobre livros ruins de vampiro e traumas de relacionamento. Depois, a gente saía no dia seguinte, e no seguinte, e...

E o quê? Nada disso tinha acontecido. O que eu esperava fazer encontrando-a ali? Contar sobre a outra realidade? Eu soaria como um lunático. Não havia nenhuma evidência do que aconteceu. Que droga! Como fui parar naquela situação?

Era isso que eu queria.

Não, não era. Deixei de sonhar com aquela vida quando descobri que era impossível, porque a garota de cabelo azul era... lésbica. Só que não era.

Eu tinha memórias vívidas, poderosas, do novo namoro. Declarações à luz de velas, jantares românticos, e todas as fantasias que eu costumava imaginar em um relacionamento. Nunca pensei nas brigas, irritações... as coisas que tornavam um relacionamento real. Então, o que eu tinha nesse futuro era mentira? Ou será que essa história de relacionamento "real" era só o meu jeito de me conformar com o que consegui? O que eu sentia pela garota que se aproximava?

Senti o perfume dela na brisa, enchendo-me de saudade de um passado que nem sei se tinha acontecido. Os olhos dela encontraram os meus, e seu cenho se franziu.

— Oi — falei, fazendo-a parar. Ela me olhava com suspeita. Claro: eu era um estranho no meio da rua.

Ela não me conhecia. Verdade seja dita, eu também não a conhecia.

Não sabia como fora a vida dela nessa versão da realidade. O que eu deveria fazer? Dizer como eu me sentia?

Eu nunca me declarei para ela. Claro, já tinha dito que a amava, mas nunca nada tão pensado, tão sincero, quanto o que falei para a garota de cabelo azul. Eu não tinha as palavras prontas.

— Que... — gaguejei. — Que horas são?

— Dez pras nove... Merda!

Ela correu para dentro do prédio, deixando-me ali, com cara de paspalho.

Voltei para o carro, pensativo. Achei que eu deveria me sentir culpado, derrotado, mas pelo quê? O que eu poderia ter feito, de verdade? Como sair daquela situação? Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Não: eu não sabia como estava acontecendo. O “o que” era claro.

Eu estava preso na minha fantasia adolescente.



— No que você tá pensando?

Não era no filme de vampiros. Não era na iluminação suave do apartamento escuro, ou no corpo dela aninhado ao meu. O que responder? Estava pensando em muita coisa.

— Naquele dia na praça. Às vezes acho que se eu tivesse dito outra coisa não estaríamos juntos.

— Duvido — retrucou ela. — Não é como se eu tivesse me apaixonado só por causa do que você disse.

— Ah, é?

— Hmm, talvez. Pensando bem, até aquele dia eu não sabia direito.

— Aposto que se eu não tivesse sido tão direto você não tinha me dado uma chance.

— Eu já tinha te dado uma chance — disse ela, brincalhona. — Você tinha aquela tarde na praça para me convencer a te namorar. E você conseguiu!

Ela me beijou, e retribuí. Minhas emoções oscilavam; numa hora era perfeito, noutra uma abominação.

— Por que você tá pensando nisso?

— É que... Eu voltei no tempo ontem. Na verdade, sou de uma outra linha do tempo, onde fui absolutamente patético na minha declaração e você me deu um pé na bunda.

— E você voltou no tempo pra tentar de novo? Que romântico.

— Não exatamente — falei, numa careta. Ela parecia encarar a situa-

ção como uma brincadeira, então, que mal havia em continuar? — Encontrei meu eu passado e tomei o lugar dele. Depois que fui rejeitado, fiquei um tempo procurando as palavras certas... E achei, no fim das contas. Mas...

— Mas o quê?

— Não achei que ia funcionar. Na minha linha do tempo você namora uma menina, e achei que você tinha me rejeitado por preferir meninas. Não porque eu era idiota, ou frouxo, ou simplesmente porque você não gostava de mim. Eu pensava isso pra não me sentir mal, mas... foi culpa minha. Se eu tivesse sido melhor lá atrás, nós teríamos ficado juntos. Eu fiquei tirando a responsabilidade de mim, pensando que eu não podia ter feito nada diferente, achando que não precisava melhorar...

Ela desligou o filme, o cenho franzido ao máximo.

— Isso tá muito específico. Você voltou mesmo no tempo? Como?

— A melhor explicação que tenho é que foi alguma coincidência quântica.

— Sei... E você tem alguma ideia do que seria uma “coincidência quântica”?

Ela estava séria, com o mesmo olhar intenso que me conquistou tantos anos atrás.

— Não.

Ela me bateu com uma almofada, rindo, e retribuí, e antes que eu pudesse pensar ela já estava nos meus braços, inebriando-me com aquele perfume doce, o aperto suave, o corpo colado ao meu. Fomos para a cama, e só voltei a pensar horas depois, no escuro, mirando o teto.

Quem sabe essa vida não fosse uma fantasia? Quem sabe eu tivesse me tornado um adulto amargurado, achando que esse tipo de felicidade era possível só na imaginação? Quem sabe aquilo que fosse amor verdadeiro: sem brigas, sem discussão, só uma convivência leve, perfeita?

A verdade que percebi naquele momento é que eu queria aquilo. Nunca deixei de querer. Tentei afastar a vontade porque era impossível, inalcançável, e me conformei.

— Ei — disse ela, num sussurro sonolento. — Te amo.

Como desejei essas palavras. Em certo ponto, eram tudo que eu queria na vida.

Eu estava feliz? Não sabia dizer. Era bom, claro, mas... eu experimentava tudo que sonhei por boa parte da adolescência e não sentia aquele êxtase juvenil. Sentia-me perdido. Era para ser assim?

Não fazia diferença. Era impossível voltar ao que era antes... Coin-

cidência quântica ou não, não podia contar com viajar no tempo de novo. Talvez fosse o choque, e em breve eu começaria a me sentir como achava que deveria. Por ora, só restava me conformar.



— Também não aguentou o filme?

Tirei os olhos do celular, confuso. O saguão do cinema estava vazio: era a pré-estreia de um filme de vampiro, tarde da noite. Do meu lado, vi minha namorada.

Ex. Ex-namorada. Namoramos em outro tempo, inalcançável. Eu vivia com a garota de cabelo azul há meses.

— Não — respondi, tentando desviar o olhar. Não consegui. — Não curto. Tô aqui por causa da minha namorada.

— Eu também. Ela adora.

Ela? Arregalei os olhos.

— Que foi? — Minha ex abriu um sorriso irônico. — Vai dizer que não gosta de filme de vampiro porque também é contra a sua igreja?

— Não, é só que... não sabia que você é bissexual.

Ela franziu o cenho, e apressei-me para explicar:

— Desculpa, você não deve lembrar de mim. A gente se conheceu numa festa uns anos atrás.

Lembrei-a da festa e da conversa que tivemos lá, convencendo-a de que ela tinha esquecido. Não tinha: naquela realidade não fui à festa. Mas ela não sabia disso.

— Nunca considero que alguém vá ser bissexual, perdão — concluí.

— Pelo menos você admite — disse ela, olhando o celular. — Jesus, ainda tem uma hora de filme. Nem o livro aguentei terminar.

— Eu li todos — falei. Ela ergueu uma sobrancelha. — Pra puxar assunto com a minha namorada, antes de ficarmos. Na época ela falou que amava o vampiro, e falei que achei a menina meio tonta... Nossa, ela ficou muito brava. Disse que se achava super parecida com a menina.

Ela riu, levando uma mão à boca, num gesto tão familiar que fez meu coração apertar.

— Você deve ter feito algo incrível pra compensar essa mancada.

— Algo impossível, até. Voltei no tempo e recitei uma declaração que devo ter demorado um ano pra bolar, depois de tomar um pé na bunda na outra linha do tempo.

— Uau. Essa menina deve ser mesmo especial, pra você quebrar toda

a Física pra ficar com ela.

— É... — falei, sem entusiasmo. — Mas sei lá. De vez em quando acho que eu não estava bem apaixonado por ela, sabe? Estava apaixonado pela ideia de ficar com ela.

— Que nem esses vampiros dos filmes — disse ela, rindo. — Tô sacando de onde tá saindo essa sua historinha. No livro tem viagem no tempo também?

Ela olhou fundo nos meus olhos, sorrindo. Estava igual à minha memória. Igual às discussões, às brigas idiotas... às noites simples olhando as estrelas, às tardes rindo de filmes como aquele, aos silêncios cheios...

O tempo pareceu parar. Estávamos sozinhos, presos naquele instante. Parecia errado conversar com ela assim. Não sentia aquela paixão adolescente incontrolável, irracional, por ela. Sentia algo diferente.

— Ainda bem que saí da sala — disse ela. — Acho que valeu a pena.

Desviamos os olhos ao mesmo tempo. Ela tinha mesmo falado aquilo? E eu tinha mesmo gostado tanto daquilo?

— Desculpa — disse ela.

Minha ex baixou os olhos para o celular, afastando-se. Aquele momento foi real. Senti uma conexão entre nós, e sei que ela também sentiu. Abri a boca para falar, mas parei. O que dizer? Que eu vivia a vida perfeita que tinha imaginado, mas ainda sonhava com ela?

Fui em direção ao banheiro, aflito, e topei comigo mesmo.

— Isso não faz sentido — disse o outro eu.

Eu ri.

— E da outra vez fez? Vai dizer que no futuro entendo viagem no tempo?

— Não, é que... — começou ele, hesitando. Notei alguns fios brancos no cabelo dele, olheiras, e uma urgência no olhar. — Passei anos pensando na outra vez, e a única conclusão a que cheguei é que foi numa encruzilhada da minha vida. E hoje... — Ele olhou para o corredor vazio do cinema, franzindo o cenho. — Que dia é hoje?

— Filme de vampiro. E... Espera. Eu encontrei a...

— Isso, lembrei... mas não aconteceu nada, entende? Quando voltei do banheiro ela não estava mais lá. A vida seguiu.

Levei uma mão ao queixo, pensativo, e o eu futuro imitou o gesto com uma precisão desconcertante. O que teria acontecido se não tivéssemos nos encontrado?

— Você ficou pensando nela — falei, surpreso. — Ficou pensando se

não deveria ter feito alguma coisa.

— Sim. Você sabe como a gente se sentiu... Mas o que eu podia fazer? E a nossa namorada? Ela é o que a gente sempre quis!

— Você não tem um discurso pronto aí pra nós salvar?

— Claro que não! — disse ele, levando as mãos à cabeça. — O que a gente podia ter dito pra ela?

— A... verdade.

— Qual verdade? Que mesmo namorando ela eu fantasiava com a vida perfeita adolescente, e agora me arrependo?

— Que eu não quero mais a fantasia. Que eu não sou mais adolescente. — Respirei fundo. — Eu preciso me responsabilizar. Preciso fazer alguma coisa.

Corri até o corredor, rezando para que ela ainda estivesse lá. E os olhos dela encontraram os meus.

— Melhor eu voltar pra sala — falei para ela, num sorriso sem graça. — Acho que preciso ter uma longa conversa sobre o meu relacionamento... Mas foi legal te ver de novo. Me passa o seu número? Queria ter alguém pra reclamar quando sair a continuação desse filme.

O sorriso dela se iluminou.

— Claro.



No começo desgostei do apartamento caro, mas passado o trauma comecei a apreciar a vista. Não sei qual versão de mim escolheu aquele lugar — por mais que eu tivesse as memórias, sentia que o eu que viveu aqueles dez anos era diferente, um eu ideal impossível — mas até que não errara tanto assim.

Tomei um gole de café, celular na mão, sem notar os passos.

— Stalkeando uma menina tão cedo?

Olhei para trás do sofá, sorrindo e acompanhando a garota enquanto ela sentava ao meu lado. Ela continuou:

— E é a sua ex, ainda! Tá sentindo falta dos filmes de vampiro?

— Nossa, não — falei. — Veio uma notificação. Ela tá namorando uma menina.

Não só uma menina: a mesma que namorava na minha versão do tempo. Nos seis meses desde o nosso término, voltou a ser a versão dela do outro tempo, sem cabelo azul.

O término não foi fácil. Pareceu que a fantasia desmoronou, e todos os

problemas acumulados explodiram na discussão. Foi horrível, e deixou cicatrizes. Mas era o que eu tinha que ter feito.

— Você... — Começou minha namorada, insegura, ainda olhando o celular. — Vocês passaram dez anos juntos, né. Deve ser difícil. Você ainda pensa nela?

— Oi? — falei, gelando com o tom dela. Eu não tinha parado para me corrigir: ela não era minha namorada. Não ainda, pelo menos. Só estávamos saindo.

— É que... eu meio que gosto de você. Mas sei lá, você mudou tanta coisa na sua vida ultimamente, que...

Franzi o cenho. O que estava acontecendo? Eu tinha me esforçado tanto, tomado a iniciativa, sido assertivo, e ela ainda tinha dúvidas? Como convencê-la de que eu queria que isso fosse sério?

— No começo, eu achei que você só queria alguém pra se apoiar depois do término, e eu entendo, mas não sei se pra mim...

Demorei para identificar o que eu estava sentindo. Uma memória quase esquecida, de uma tarde no parque e palavras atrapalhadas. O sentimento de que ela estava escapando. Eu não tinha as palavras certas ensaiadas.

Mas não tinha problema.

— Eu tô mesmo mudando muita coisa — falei. — Parece que eu reconstruí a minha vida inteira... e mais de uma vez. Ainda tem muita coisa que eu queria mudar. Mas de uma coisa você pode ter certeza.

Encarei-a fundo nos olhos, vendo a insegurança que ela tão raramente demonstrava.

— Mesmo que eu pudesse refazer a minha vida inteira, se tem uma coisa que eu não mudaria... — Agarrei a mão dela. — É isso aqui.



Thiago Loriggio é do tipo que passa por um aperto e diz "putz, mas isso daria uma boa história hein". Quando não está escrevendo sobre viagem no tempo, está considerando o porquê de todas as suas histórias terem viagem no tempo. Seu encontro perfeito envolve planos inusitados, desventuras inofensivas, e momentos carregados de silêncio.

Autoria: Érulos Ferrari Filho | Edição: Tatiane Lucheis | Revisão: Camila Paixão

Trago-te no peito
Como o sol traz a alvorada,
Tomo-te as mãos
Como o orvalho toma a rosa,
Tenho-te perto de mim
Como um segundo segue o outro.
E como te quero...
Como a nuvem quer o céu,
Como o pássaro quer o ninho,
Como o viajante quer abrigo,
Te quero.
E te faço céu, ninho, abrigo,
Te faço minha morada, meu Lar.



Érulos adora café e um bom livro. Seu tema predileto é ficção científica e viaja pelo Hellen sempre que lê poemas de Fernando Pessoa ou de Rabindranath Tagore. Gosta de escrever e pensar que foi aluno de Hari Seldon, mas na verdade queria mesmo é ter o emprego de Andrew Harlan. Seu sonho de consumo é estar em volta de um fogueira, olhando as estrelas.

Autoria: Alan Antunes



A Lua em Câncer e ascendente em Peixes deixaram esse capricorniano todo romântico. Minha maior paixão é desenhar corpos diversos e afetos entre pessoas LGBTQIA+.

Malus Restituta

Autoria: Thiago Ambrosio Lage | Edição: Ana Farias Ferrari | Revisão: Thais Rocha

Desço do trem-bala Norte-Sul na estação de Palmas. Na minha última vez aqui, a estação ainda era um projeto. Muita coisa muda em vinte e dois anos, só o calor que não. Camisa ensopada e boca seca, sigo para o terminal de ônibus elétricos. O sol a pino castiga minha pele e me indica a hora do check-in e do almoço. Devia ter passado protetor ainda dentro do trem. Tenho uma reunião logo no começo da tarde e deixo a busca pelos restaurantes que frequentava na juventude para depois. Ou talvez fique só pelo hotel mesmo. Ainda terei uma semana aqui.

Uma semana a trabalho na cidade em que passei a primeira metade da vida. Na janela do ônibus, uma colagem de memórias e novidades passa sem pressa. Lembranças que já não faziam mais parte do meu cotidiano e agora me aguardam a cada esquina. No horizonte leste, procuro o lago da represa, agora vazio. Terra nova exposta ao cultivo e povoamento, um bônus da nova matriz energética. Enquanto almoço — “tudo, menos os grãos, é colhido aqui mesmo no hotel, senhor Rubens”, diz a garçonete — repasso a apresentação da tarde no celular.

Um homem alto, magro, negro de pele clara, com um terno bege e uma pasta preta entra no restaurante do hotel. O sangue acelera nas artérias de meu braço... seria Flávio? Com quantos anos ele estaria hoje? Com que aparência? Com tantos procedimentos disponíveis, é difícil estimar a idade das pessoas.

Eu mesmo não aparento estar muito adiantado na casa dos 20 anos, resultado da terapia gênica. Mantive o tônus muscular, mas manchas da juventude ainda ficaram em minha pele clara. As do rosto eu consigo disfarçar com a barba e os cabelos escuros e espessos. Quando voltar para Estocolmo, tenho que marcar a manutenção com Sophie. Ou fazer aqui no Brasil, na casa de meus pais em João Pessoa. Salvo o lembrete no celular.

O homem atende ao telefone, a voz, grave e rouca, me tranquiliza: não é ele. Flávio tinha, ou tem, uma voz clara e límpida de tenor. E olhos castanho-claros, quase dourados.



Era gostoso ouvir Flávio cantar. No cais à beira do lago, noites claras e quentes, garrafas de sidra gelada numa caixa térmica surrada e um violão vagabundo. A vida era simples. Alguns outros casais de mãos dadas povoavam o cais e a Praia da Graciosa, passeando ou sentados em toalhas e lençóis, piqueniques noturnos improvisados e serenatas privadas ao ar livre. Vez ou outra, grupos maiores se uniam num luau espontâneo. Rubens sentia no rosto o calor do mundo e da sidra, e dentro do peito o calor da presença de Flávio. Para refrescar, a brisa preguiçosa do lago, o perfume cítrico do então namorado e a acidez dura da bebida. Flávio reclamava brincando de como era difícil encomendar a bebida e Rubens ria. Ela era deliciosa, mas era sintética, os dois sabiam. Com o desaparecimento iminente das macieiras, a bebida legítima se tornava cada vez mais rara, e cara.



O alarme do celular me faz dar um pulo na cadeira: é hora de seguir para a reunião. Constato que falhei no *mindful eating* ao ver o pratinho de cubos de manga vazio e mal me lembrar do sabor ou de tê-las comido. *Mindful eating* não, presença alimentar. Preciso diminuir os anglicismos. Difícil com a cabeça longe. Ou perto, a poucos quilômetros dali, no cais. Talvez passe por lá para ver se virou horta urbana, residências, parque solar ou uma mistura de tudo.

O campus da universidade era outro. Gramados e descampados deram lugar a hortas, pomares e placas solares num mosaico de tons de verde. Por trás de cajueiros, pequizeiros e tamarineiros, o prédio da biblioteca se ergue posando para um cartão postal. Sua lateral, antes de vidro azulado, agora é um vitral multicolorido formando o novo brasão da instituição, fundido com o da Organização Mundial de Ensino Superior, Pesquisa e Extensão. Meus olhos marejam ao ver esta união entre minha *alma mater* e meu atual empregador. Devia ter pesquisado pelo menos sobre a universidade antes de voltar, mas era difícil pra mim. É ainda mais difícil agora. O ônibus elétrico me deixa na praça central ao lado da biblioteca e, enquanto o celular atualiza o mapa, percebo no vitral um mural povoado de cenas e rostos da história da instituição, da cidade e do estado. Talvez, se tivesse ficado, meu rosto estivesse entre aqueles. Será que o rosto de Flávio está? Ele nunca demonstrou inclinações acadêmicas, mas em duas décadas não dá pra saber o que ele fez da vida.



E não dava mesmo. Na juventude, os dois eram parte do movimento NoSoMe, sigla para *no social media*, criado por e para pessoas com desejo de priorizar interações reais em detrimento das digitais. Em uma era de tantas transformações sociais e tecnológicas, era também uma forma de pertencer. Os paradoxos do movimento e a paixão com que Flávio o defendia cativaram Rubens. Sair de onde “todo mundo estava” para pertencer, o nome — NoSoMe, não some —, com a intenção de sumir para somar. Mesmo com a idade, tanto pelo hábito quanto pela pressão do trabalho, Rubens continuou de fora das redes.

Em partes, pois, nos primeiros anos distante, ainda fazia um perfil falso vez ou outra para tentar descobrir notícias de Flávio. O antigo parceiro parecia ser tão ou mais discreto que ele, e com o tempo a curiosidade permaneceu, mas esta espionagem infrutífera perdeu o sentido. Criar perfis e buscar Flávio é algo que Rubens ainda fazia, mas escondido. De si mesmo inclusive. Eles sumiram um do outro.



Na reunião, não reconheço ninguém. Esperava algum ex colega talvez, mas nem isso. A primeira apresentação era apenas protocolar, pouca coisa além do que já havia sido adiantado por meios digitais. Estes protocolos eram difíceis de abandonar. Somente na sexta-feira o motivo principal da viagem seria cumprido, em uma reunião bem menor, a portas fechadas e sem aparelhos eletrônicos, acordos fechados com assinaturas em documentos de papel. Anacronismo necessário para temas sensíveis, cotidiano no meu trabalho. Algo que jamais sonhei fazer quando saí daqui com a mala cheia de roupas e livros, o coração cheio de culpa e mágoa, e a cabeça, de dúvidas.



No aeroporto, Rubens aguardava sozinho o momento do embarque. Havia se despedido dos amigos numa confraternização na véspera. Estava cabisbaixo, como na noite anterior. Sentiu falta de Flávio ali, como havia sentido na festa.

A despedida dos dois tinha sido íntima, na tarde anterior.

- Tenho que aproveitar a oportunidade única.
- Você não “tem que” nada.
- Vem comigo.
- Não posso.
- Não posso ficar.
- Pode sim, e pode voltar.

- Você me espera?
 - Não posso prometer nada.
 - Com você é sempre assim, tudo é instável.
 - De que adianta ser firme se a vida muda?
 - E porque não muda comigo?
 - Tenho minha vida aqui.
 - Podemos ter uma vida melhor juntos.
 - Eu gosto daqui.
 - Eu também, mas...
 - Com você sempre tem um mas!
 - Eu não sei, estou confuso.
 - Agora eu que não sei de mais nada. Só sei que quero ficar com você.
 - Eu também. Mas não posso, tenho que aproveitar esta oportunidade.
- Despediu-se com um até logo com sabor de adeus.

Minutos depois recebeu a última mensagem do agora ex: “Acho melhor não ir à festa e ao aeroporto amanhã. Já conversamos sobre o que poderíamos ter conversado. Faça uma boa viagem, boa vida, boa sorte!” Ex. Ex-namorado, ex-marido, ex-companheiro. Como dizia seu pai, a vida era feita de escolhas. O que ele nunca dissera é que escolher não traria certezas.



Jantar no hotel é a opção mais segura. Visitar a antiga universidade e o curto trajeto no transporte público me trouxeram mais memórias indesejadas. Se saio, posso esbarrar em quem não devo. Quero, mas não devo. Quero?

Antes de dormir, crio mais um perfil falso nas redes sociais. Vai que encontro alguma coisa. Depois de meia hora, adormeço e sonho com um cais, um velho violão. Acordo com o coração pesado.

Durante o café, corro o olho pela agenda no celular. Reuniões com a prefeita, a presidente da câmara de vereadores e a secretária de meio ambiente me aguardam. Por sorte, ficam todas na mesma quadra, ao lado da praça onde minha vida ficou marcada num ponto distante no tempo, mas que se aproximava em espaço.

Nesta manhã de terça-feira ensolarada a praça está vazia. Vejo em minha mente a praça com o movimento noturno da feira, em um domingo de vento forte e baixo, com jeito de chuva que vem.



— Casa comigo. — Flávio largou o garfo no pratinho descartável equilibrado em seus joelhos, se apurando no banquinho de plástico.

— Como assim? Sua pamonha está esfriando. — Rubens mordeu um pastel, liberando seus vapores que se enrolavam no fio de queijo derretido que se esticava. — Casamento é coisa séria.

— Eu tô falando sério. Não tem problema essa pamonha esfriar. Considerando que frequentamos aqui todo domingo, eu como pamonha domingo sim, domingo não, o ano tem 52 domingos em média, estamos com 20 anos, com a expectativa de vida atual de uns quase cem anos, mas até lá ela deve aumentar pra 120 pra conta ficar mais fácil... Se disser sim, vai vir me ver comer pamonha mais um zilhão de vezes.

— Duas mil e seiscentas.

— Quê?

— Não é um zilhão, são duas mil e seiscentas vezes que te verei comer pamonha aqui na feira.

— Isso é um sim?

— Claro que não.

— Você disse “verei”, e não “veria”. Te peguei no ato falho.

— Você que disse isso. — Rubens riu, quase caindo da banquetta de plástico. — Mas é isso: SIM. Te amo, seu bobo.

— Eu também, meu bobo.

Ali mesmo na feira compraram anéis de capim dourado para selar o noivado.



A recepção das autoridades quanto ao projeto é boa. A cidade já renovou grande parte de sua matriz energética. Saio animado da última reunião e decido não jantar no hotel. A quadra ao lado da praça da prefeitura costumava ter bons restaurantes e, para minha alegria, grande parte deles ainda existe, mesmo com adesão quase completa ao veganismo. Enquanto espero minha pizza de brócolis com champignon, abro o celular e vejo o perfil falso que criei na véspera. A rede social, uma malha de perfis abandonados, incompletos, longe de ser a ágora digital ou a vitrine do passado. Onde estava com a cabeça? Flávio nem deve mais lembrar que eu existo.

— Rubens? É você? — Uma voz feminina interrompe meus pensamentos, seguida por uma mulher de meia idade, loira, um pouco gorda que me toca no braço. — É você mesmo? Nossa, não mudou nada!

Tento lembrar sem sucesso quem é minha interlocutora, se é alguma

colega, alguma amiga com quem perdi contato. Eram muitas pessoas na época da faculdade. Resolvo ganhar tempo:

— Ah sim, sou eu sim, é a terapia gênica, evita algumas doenças hereditárias. — Explico sem necessidade, por hábito. Me incomoda minha opção por ter me submetido ao procedimento ser vista como futilidade. — Estou passando uns dias na cidade a trabalho.

— Eu sempre soube que você ia longe, um dos melhores alunos da turma. O único que tirou 10 no projeto da professora Naiara. Lembra dela? Ela era terrível.

Pego a referência, abro a pasta mental “faculdade” e repasso as colegas buscando aquela mulher. Acho que nunca a vi na vida.

— Lembro sim, claro. E você? Trabalhando na área?

— Mais ou menos, me envolvi com agroecologia e fui para biotecnologia tradicional. Agora moro num sítio na zona rural, em Taquaruçu. O que está cada vez mais difícil de definir, onde começa ou termina o rural, com tanta coisa sendo produzida nos jardins-horta da cidade.

— É, eu percebi. E a...

— A Marcela? Acredita que perdi contato? E você? Como era o nome do rapaz que você namorava? Glauco? Fulvio?

— Flávio. — Mordo a língua, talvez ela saiba algo sobre ele, mas se eu perguntasse que diferença faria?

— Sua pizza, senhor. — Um garçom se aproximou.

— Vou deixar você comer. Tá esperando alguém? Parece que está procurando alguém. — A mulher toca meu ombro e o aperta de leve. — Bom te ver! Não vou ser mais enxerida, se for ficar um tempo, me procura, vai lá conhecer o sítio. — Ela deixa um cartão sobre a mesa. — Eu, morando em sítio, quem iria imaginar? — E se afasta entre as mesas, sumindo como havia chegado.

O cartão de papel reciclado verde-escuro traz com letras grandes douradas o nome Sítio Água Viva, e abaixo o nome da senhora. Marinalva. Agora me lembro, uma das alunas mais dedicadas da turma, que todos julgavam que fosse para uma multinacional ou para área acadêmica. De qualquer maneira, ela parece feliz. Tiro uma selfie para ver se pareço feliz. Talvez devesse me cadastrar em algum aplicativo de relacionamentos. Aproveitar a viagem. Quem sabe não encontre alguém? Observo a selfie de meu rosto triste e cansado — bem diferente das outras vezes em que estive ali — e apago a imagem.



— Então, a gente tá namorando, é isso? — Flávio rouba um beijo de Rubens.

— Acho que sim, é o que o povo diz. — Rubens tenta se desvencilhar dos braços do companheiro e se servir de feijão tropeiro e mandioca cozida.

— Sim, mas o que você me diz? — Flávio começa a se servir também, num tom de voz mais sério, e pega um espetinho de filé.

— Bom, estamos, né? Estamos? Faz quanto tempo que estamos juntos? Tem um tempo mínimo? Terceiro encontro? Três semanas? Você sabe que sou ruim com essas coisas.

Flávio dá uma garfada e pega um pedaço de carne, concentrado. Sem tirar os olhos do prato, responde pausadamente:

— Rubens, eu acho importante ter essas definições, até para saber se vamos ser mono, abertos, livres, poli. Não quero me machucar, não quero te machucar. Eu gosto de tu.

— Eu também. Olha pra mim. — Rubens larga os talheres, toca o queixo de Flávio que levanta a cabeça e o observa. Os olhares dos dois rapazes se conectam por um instante, e é toda certeza que Rubens precisa. — Quer namorar comigo?

Flávio ri, e larga os talheres também.

— Se o povo diz que sim, quem sou eu pra dizer não?

Eles se beijam sem pressa.



Passo a fazer minhas refeições sempre em restaurantes da cidade. Instalo alguns aplicativos de relacionamento, mas com uma selfie antiga. Mal não vai fazer. Na aba de idade, nem preciso fazer as contas para focar nos perfis que quero. Flávio tem a mesma idade que eu. Dividido entre o desejo, a curiosidade e o medo, arrisco. Medo de quê? De não reencontrá-lo, de reencontrá-lo e ele nem lembrar de mim. Só quero saber se ele está bem, repito para mim mesmo nas noites seguintes tentando me convencer antes de apagar com o celular na mão.

Na sexta pela manhã, cansado das noites mal dormidas, tomo coragem e ligo para o sítio Água Viva. Marinalva não sabe do paradeiro de Flávio, ela passa a maior parte do tempo cuidando do sítio e a cidade não é mais tão pequena. Além disso, a ex-colega saiu das redes faz anos, pouco tempo depois de se formar. Para encurtar a conversa cheia de perguntas e especulações de Marinalva, aceito fazer uma visita no fim de semana, já decidido a ter um contratempo e desmarcar de última hora. Eu tentei, e agora só me resta focar

no trabalho e fechar o acordo com a universidade, a prefeitura e o estado, costurando todos os acordos menores e apresentações feitos durante a semana.

Trazer uma biorrefinaria completa e a tecnologia de vitrais orgânicos demandaria grande investimento, algum risco, mas uma possibilidade de retorno imensa para a cidade, a região e outras que quisessem replicar a tecnologia. Vim não só como especialista, mas como uma pessoa egressa da região para conquistar a confiança de todos.

Acordo fechado, os anfitriões sugerem uma pequena confraternização no bar mais próximo à faculdade, um brinde apenas. Estou drenado, no limite de minhas energias, mas me arrasto até lá. Peço uma sidra para o brinde. Sintética, claro, é a única que tem. Lembro com nitidez da última vez que bebi sidra legítima. Foi no dia do meu casamento.



Rubens ajeitou a gravata mais uma vez, enquanto Flávio reclamava do noivo monopolizando o espelho.

— Não quero me atrasar, mas também não quero ficar torto nas fotos — protestou Rubens.

— Se você parecer torto, culpe o fotógrafo!

— Mas é seu irmão que vai tirar as fotos! Pronto, pode usar o espelho. Agora entendi porque diziam que os noivos não devem se ver antes da cerimônia. É pra não chegarem lá brigados!

— Quando a gente mora junto é mais complicado. — Flávio acertava a própria gravata, observando o noivo pelo reflexo no espelho. — E pode brigar com meu irmão à vontade, em poucas horas você será oficialmente da família.

— Mal vejo a hora, te amo. — Rubens abraça Flávio por trás e o beija no pescoço.

— Também te amo, mas agora estamos sem tempo pra isso, quero te fazer uma surpresa antes, vem comigo. — O apartamento dos dois era tão pequeno que no tempo da frase, já estavam na diminuta cozinha americana. — Abre aí a geladeira, veja na gaveta de cima. Comprei pra você. Tinha pensando pra depois da cerimônia, mas com a festa e o estado em que chegaremos aqui, pensei... por que não fazer um esquentão? — Flávio falou enquanto pegava duas taças no armário. — Bora fazer nosso brinde aqui? — Ele colocou as taças sobre a bancada e preparou o temporizador do celular para registrar o momento.

Rubens ouvia com dificuldade, tentando acreditar no que segurava em suas mãos trêmulas. Uma garrafa de sidra legítima. Isso deve ter custado

um mês ou mais de trabalho de Flávio. As últimas macieiras do mundo forneciam safras cada vez mais minguadas na Europa Oriental e Escandinávia. Foi num intercâmbio de duas semanas na Suécia que Rubens conheceu o que viria a ser sua bebida favorita. De bebida favorita, ela acabou virando uma marca pessoal, algo que sempre associavam a ele. Rubens chorou.

— Ô amor, não faz isso. — Flávio acudiu, pegando a garrafa com cuidado e colocando sobre a bancada e logo abraçando o futuro marido. — Eu sei que você gosta, quis marcar o dia especial.

— Não precisava. Eu, eu ... — As palavras escaparam de Rubens.

— Você merece. E se recomponha que não quero meu marido de olhos inchados nas fotos. Quer que eu abra a garrafa, ou quer fazer as honras?

— Pode abrir. Te amo.

— Te amo, seu bobo.

Seguindo a tradição, o casamento começou atrasado. Quebrando a tradição, os noivos chegaram juntos, se beijando. E esqueceram as gravatas em casa.



A confraternização é rápida, apenas uma formalidade. Mas com dois copos de sidra na cabeça, cedo à pressão interna, curiosidade boba. Chamo um transporte autônomo privado e vou até o cais, ou o que deve ter restado dele.

A noite não está clara, é lua nova. O céu é diferente de quando eu morava aqui, mais estrelado. De alguma forma, conseguiram mitigar a poluição luminosa, ou é minha memória me pregando peças. No lugar do antigo cais, uma surpresa, um bar. O rio Tocantins, agora livre, corre centenas de metros à frente, e a vegetação na região antes submersa parecia se recuperar. Para não dar viagem perdida, entro no bar e peço uma sidra.

— Da casa? — Pergunta a moça que me atende.

— Sim, pode ser, e um porção de falafel, por favor — respondo sem prestar muita atenção, olhos na tela do celular. O que era minha bebida favorita agora eram apenas variações da mesma fórmula, não compensa pensar em marcas ou tipos para escolher.

Me distraio tentando tirar algumas fotos do rio ao longe, mas desisto pela falta de iluminação, amanhã eu visito o rio durante o dia. Dou um gole no copo de sidra dourada que esquentava à minha frente. *Impossível*. Dou um segundo gole, deixo a bebida descansar alguns segundos em minha boca antes de engolir. E um terceiro. E um quarto. Finalmente conseguiram produzir

uma bebida indistinguível da sidra legítima. Entendo a falta de interesse ou recursos para investir nisso, com tantas questões mais vitais à sobrevivência da espécie e do ecossistema a serem resolvidas. Mas agora com a renovação completa da matriz energética e tantos avanços na medicina, parece que alguém resolveu que era a hora de voltar a atenção a algo mais trivial.

Empolgado, peço um segundo copo. E um terceiro. A garçonete, de pele negra, olhos luminosos cor de âmbar e cabelo crespo preso num afro puff, me era familiar, não sei é parecida com alguma colega de trabalho, pelo formato dos olhos talvez. Para trabalhar ali, ela deveria ter mais de 18 anos, mas pela aparência, não teria passado muito disso.

— Parece que o senhor aprovou mesmo a sidra da casa, hein! — ela comenta, trazendo o quarto copo.

— Sim, ela é muito boa mesmo — respondo vacilante, cada vez mais alto com o álcool e uma semana recheada de lembranças. — Qual é o seu nome? E uma dúvida... de onde conseguem essa sidra?

— Milena — responde com naturalidade, enquanto anota algo no tablet — e a sidra é nossa mesmo, fazemos aqui.

— Hum, interessante. Eu já fiz um pouco de pesquisa na área, mas de forma amadora. Já tentei fazer em casa, mas tive dificuldades com a fórmula. Seja lá quem for que faz essa mistura, está de parabéns. Muito equilibrada na doçura, acidez, nos aromatizantes...

Milena ri com discrição.

— Ora, falei algo demais? Me desculpe te segurar assim no trabalho, mas é que não consegui não comentar.

— De vez em quando isso acontece, mas é que não tem aromatizantes não, é natural.

— Sim, aromatizantes naturais de frutas e...

— Não, moço. É natural mesmo, da maçã. Achei que fosse por isso que tivesse vindo. É o nosso cartão de visitas aqui. — Ela indica a pequena maçã dourada bordada em seu avental marrom-avermelhado com a ponta da caneta digital. — O Pomo Dourado. O senhor não tinha ouvido falar? Estamos reduzindo o papel, mas acho que ainda temos alguns folders aqui, vou trazer um pra você.

E, então, olho ao redor, no balcão, um cesto de maçãs verdadeiras que me havia passado despercebido, imaginando que eram de cera ou cerâmica. No cardápio, alguns pratos à base de maçã. Logo estou com o folder em mãos, lendo a descrição minuciosa de como conseguiram a partir de mudas de plantas frutíferas locais, engenharia genética, enxertia e cruzamento tra-

zer a maçã de volta da extinção. As técnicas de cultivo e manejo da planta no clima quente foram trazidas por um especialista dos antigos macieirais cearenses. *Malus restituta* era o nome proposto para a espécie resgatada em substituição à extinta *Malus domestica*. Na última seção, um código QR para mais informações.

Pego o telefone, incrédulo, e aponto para o código. Na tela do celular, a foto de um macieiral ao fundo e, em primeiro plano, dois homens, uma mulher e duas adolescentes abraçados. Uma das garotas era a garçonete que me atendia. Um dos homens era ele.

Flávio.

Sinto meus ossos se transformado num líquido gelado e escorrerem para os meus pés, me deixando mole, trêmulo e ancorado. Será que aquela moça é... Eu era capaz de ouvir minha pulsação. E, acima dela, uma voz clara, limpa. Uma voz de tenor.

— Opa, boa noite, espero que tenha gostado da nossa sidra.

Me viro com o pouco que me resta de forças. Sinto que posso desmaiar a qualquer momento. Flávio. A dois passos de mim.

— Não parece estar se sentindo muito bem. Posso ajudar em alguma coisa? — O sorriso some do rosto dele.

Vinte e dois anos depois. Ainda mais lindo. O tempo foi muito gentil com ele. Na casa dos quarenta, sem terapia gênica, ele parecia melhor que na casa dos vinte. Meu último esforço é feito para estender a mão direita, num cumprimento formal.

— Vamos lá, Rubens, dê cá um abraço. Isso é jeito de me cumprimentar? — Ele se aproxima e me envolve com força, me beija a bochecha. — Há quanto tempo, eu duvidei quando Milena, minha filha, me contou que era você e tive que vir conferir. Você está esperando alguém? Posso me sentar com você? Quero saber das novidades.

De todas as reações possíveis dele, essa eu fui incapaz de prever. Mas em todos os cenários, era eu que tomava a iniciativa do encontro. Filha. Falar como se não me visse faz uma semana apenas. Com Flávio, sempre havia surpresas.

— Senta, senta sim — gaguejo com dificuldade, boca seca e pouco ar. Tomo mais um gole farto de sidra.

Ele puxa uma cadeira e me observa com minúcia.

— Você não mudou nada, fez o tratamento do vampiro?

— Terapia gênica? Fiz sim. Questão de saúde. — Emudeço. Flávio me acompanha no silêncio.

Por alguns minutos, segundos, penso em tudo que queria falar. De como ele fez falta. Faz falta. Minha vida foi boa, tive outros amores, mas nenhum como o dele. Não sei como está a vida dele hoje, e não seria justo falar de arrependimentos que nem mesmo sei se são reais. Inspiro fundo para reorganizar os pensamentos e tentar falar algo espirituoso, mas antes de as palavras se formarem em minha boca, ele retoma.

— Eu sei, eu sei que é difícil pra você. É para mim também. Eu tive uns momentos para me preparar na cozinha depois que Milena me contou. Acho que temos muito o que conversar, mas vamos combinar o seguinte: podemos falar de coisas mais sérias amanhã? — Milena deixa um copo grande de sidra na mesa para o pai. — Proponho um brinde, ao nosso reencontro, e que hoje falemos apenas do que é leve!

Assinto e sinto osso a osso do meu corpo se juntando de novo em solidez, o sangue voltando à minha face. Minha musculatura que alternava ciclos de relaxamento e tensão, aos poucos se solta. Um brinde à leveza.

Falo e ouço de tudo, mas nada anterior à minha partida de Palmas. Conto as coisas mais triviais do meu trabalho, as inúmeras viagens e as aventuras amorosas correspondentes. Ouço sobre como ele começou a namorar um homem e uma mulher que namoravam entre si e casou com eles, e de como decidiram viver a parentalidade em trisal com duas filhas que eram a razão da vida deles.

Sempre que o assunto se aproxima de algum tema sensível, um de nós dois reconduz a conversa para tópicos mais recentes. E mais amenos. E em um desses momentos eu pergunto do macieiral. Flávio fica reticente, e responde com um proposta:

— E se eu te mostrar amanhã tudo lá?

— Pode ser.

— Pode ser ou você quer?

— Quero sim, seu bobo.

— Te pego às nove no hotel, então. Combinado. Por hora chega de sidra, antes que falemos ou façamos alguma bobagem. Vou chamar seu transporte.

Agradeço ao sono etílico da sidra por essa não ter sido a noite mais longa da minha vida.

Na hora marcada, ele aparece no saguão de short e regata. Eu ainda visto trajes um pouco formais, nem passou pela minha cabeça trazer uma roupa para passear num macieiral. Até algumas horas atrás eu acreditava que macieirais eram apenas figuras em sites de história!

A caminhada entre as árvores é agradável, o som de nossos passos e nossas respirações pontua o som das abelhas e aves. O sol ainda está a meio caminho de atingir a potência máxima, e as árvores mantêm a temperatura agradável. Cansado da pauta de amenidades, cedo ao impulso.

— Senti sua falta, Flávio. Pensei em você todos esses anos — solto em um sopro, sem esperar resposta. O tempo para.

— Eu também, eu também. Você poderia ter me procurado. Poderíamos ter tentado algum arranjo.

— Digo o mesmo. Você nem foi se despedir de mim. A gente era casado, sabe?

— Parece que não se importava tanto com isso. Se divorciou de mim por procuração! E... depois daquela última briga, como iria me despedir de você? Eu não ia aguentar de sofrimento.

— E você acha que foi simples pra mim? Era a oportunidade da minha vida! Veja onde estou agora!

— Estou vendo onde está, num macieiral. Comigo. Mas sua cabeça sempre está em outro momento, em outro lugar. Não quero lembrar daquela briga, não quero brigar agora. Me desculpe.

— Eu que peço desculpas, essas cobranças nem fazem mais sentido. Eu só vivi me perguntando porque nunca me procurou, nada, zero.

— Porque eu te amo. E amar às vezes é deixar partir.

— E este verbo no presente? Te peguei num ato falho?

— Não é ato falho quando é de propósito. Sempre te amei e sempre vou te amar, seu bobo. Quer prova maior que essa? — Ele arrancou uma maçã vermelha de um galho e me mostrou. — Por que acha que fiz isso? Poderia ter feito terapia gênica também, ter tido mais uma filha ou um filho. Mas investi em ressuscitar essas macieiras. Era o jeito que eu tinha de ficar mais perto de você.

Tomei a maçã em minhas mãos, dei uma mordida. Ela é doce e ácida na medida equilibrada.

— Eu também te amo, seu bobo — respondi de boca cheia, o sumo da fruta escorrendo na barba.

— E agora? — Ele pega uma maçã e a gira entre os dedos.

— Como assim? — Dou mais uma mordida. Não quero pensar nisso.

— Essas maçãs são incríveis!

— O que fazemos com esse sentimento?

— Não tem o que fazer, infelizmente. — Talvez tenha, talvez tivesse. Já tivemos essa conversa.

— Eu não quero te perder de novo. E se... — Ele tira os olhos da maçã e toca meu cotovelo com a ponta dos dedos. — Rubens, quer namorar comigo?

— E seu casamento? E a distância? — *E os meus medos? E o meu medo de dar errado? E o meu medo de dar certo?*

— Eles já sabem de tudo, é aberto. Dessa vez faremos funcionar. E... eu preciso de umas férias, sempre quis conhecer a Escandinávia. Preciso ver como faziam a sidra lá e trazer tecnologia. E ouvi dizer que com a assinatura de alguns contratos, você deve ter que voltar para cá com frequência. — Ele para na minha frente, e repete depois de uma longa inspiração, com a voz trêmula: — E aí, quer namorar comigo?

Respondo com um beijo, com sabor de fruta mordida. De *Malus restituta*.



Thiago é um professor e cientista mineiro, hoje no Tocantins. Do signo de exatas, com ascendente em biológicas e lua em místicas, é um romântico que não acredita no amor - mas sabe que ele existe e vem de diversas formas e de onde menos se espera. Ainda não encontrou ninguém para envelhecer junto num macieiral, ou conhecer a Escandinávia, mas enquanto espera escreve textos que já foram publicados online, na primeira edição da Eita! Magazine, e na coletânea de contos de ficção científica de autores LGBTQIA+ Violetas, Unicórnios e Rinocerontes, pela editora Patuá.

*Assistir um filme agarradinho
com aquela pessoa especial
é tudo de bom, não é?
Então confere uma lista para
fazer uma maratona cheia
de açúcar.*

Mensagem para Você (1999): Proprietária de uma pequena livraria, Kathleen se relaciona com um desconhecido através da internet, por onde trocam e-mails diariamente. Sua vida é abalada quando uma grande livraria ameaça terminar com seu negócio. O que ela não imagina é que dono da nova loja e seu maior rival é o doce e gentil estranho com quem conversa todos os dias.

Diário de uma Paixão (2004): Um jovem casal apaixonado é separado pelos pais da moça, que não aprovam o namoro. Por um ano, Noah escreveu para Allie todos os dias mas não obteve resposta, já que as cartas nunca chegaram a ela. E Allie, sem notícias, desiste de esperá-lo. Porém, quando se reencontram, percebem que o amor ainda é recíproco e Allie precisa escolher entre o noivo e seu primeiro e grande amor.

Armações do Amor (2006): O garanhão, Tripp, é um homem de 35 anos que ainda não deixou a casa dos pais. Desesperados, seus pais contratam Paula, uma mulher bela e talentosa, para convencê-lo que chegou a hora de se mudar.

Hoje eu Quero Voltar Sozinho (2014): Leonardo, um adolescente cego, tenta lidar com a mãe superprotetora ao mesmo tempo em que busca sua independência. Quando Gabriel chega na cidade, novos sentimentos começam a surgir em Leonardo, fazendo com que ele descubra mais sobre si mesmo e sua sexualidade.

Para Todos os Garotos que já Amei (2018): Lara Jean Song Covey escreve cartas de amor secretas para todos os seus antigos paqueras. Um dia, essas cartas são misteriosamente enviadas para os meninos sobre os quem ela escreve, virando sua vida de cabeça para baixo.

Orgulho e Preconceito (2005): Elizabeth Bennet vive com sua mãe, pai e irmãs no campo, na Inglaterra. Por ser a filha mais velha, ela enfrenta uma crescente pressão de seus pais para se casar. Quando Elizabeth é apresentada ao belo e rico Darcy, faíscas voam. Embora haja uma química óbvia entre os dois, a natureza excessivamente reservada de Darcy ameaça a relação.

Como Perder um Homem em Dez Dias (2003): Ben é um publicitário que aposta com o chefe que faz qualquer mulher se apaixonar por ele em dez dias. Se conseguir, será o responsável por uma cobiçada campanha de diamantes. Andie é uma jornalista que, por causa de uma matéria, está decidida a infernizar a vida de qualquer homem que se aproximar. Os dois se conhecem em um bar e escolhem um ao outro como alvo de seus planos totalmente opostos.

Your Name (2006): Mitsuha é a filha do prefeito de uma pequena cidade, mas sonha em tentar a sorte em Tóquio. Taki trabalha em um restaurante em Tóquio e deseja largar o seu emprego. Os dois não se conhecem, mas estão conectados pelas imagens de seus sonhos.

Um Lugar Chamado Notting Hill (1999): William Thacker é dono de uma livraria em Londres. A monotonia de sua existência é tumultuada romanticamente quando a famosa atriz estadunidense Anna Scott aparece em sua loja. Um encontro fortuito sobre um suco de laranja derramado leva a um beijo que dá início a um caso de amor. Conforme ele e a glamorosa estrela de cinema se aproximam cada vez mais, eles lutam para conciliar seus estilos de vida radicalmente diferentes em nome do amor.

Você nem Imagina (2020): Ellie relutantemente concorda em ajudar o apaixonado júri da escola Paul Munskey a escrever cartas de amor para Aster Flores, a garota que os dois amam secretamente. Enquanto todos os três embarcam em uma viagem inesperada de descoberta, eles formam um complicado triângulo de amizade à medida que chegam a um acordo com seus próprios sentimentos inesperados sobre o amor e encontram conexão nos lugares mais improváveis.

MIMICS

Autoria: Sophia Leite | Edição: Tatiane Lucheis | Revisão: Camila Paixão

Setembro – Revista Umbra, ed.58

ROBÔS PODEM SONHAR?! NÓS HUMANOS, SIM!

A empresa Dreamedia tem orgulho em anunciar seu mais novo projeto que promete revolucionar o campo da robótica. Nesta semana, a diretora da companhia, Liana Souza, decretou em reunião com a imprensa que seu último investimento, o projeto MIMIC, não só se encontra em seus estágios finais de produção, mas também tem seu lançamento marcado para o final deste ano.

Alvo de críticas e admiração, a empresa é responsável pela distribuição e venda de muitos produtos considerados impróprios para a população leiga, mas que visam a facilitar tarefas trabalhosas do cotidiano. Muitos alegam que a má fama advém do embate com o órgão de defesa pública, que por muitos anos tenta conseguir a patente da tecnologia para sua aplicação militar.

“Os robôs MIMIC, ou ‘Memória Inteligente Muscular Interconectada’, são nosso presente para as pessoas. Para um mundo melhor.” A diretora declarou, abrindo espaço para muitas indagações e expectativas. Sabe-se ainda que...

O resto da reportagem estava obstruída por uma folha de caderno arrancada de qualquer jeito que Hugo havia prendido no quadro, com uma anotação corrida sobre placas de memória. Uma caneca de café vazia servia de peso para alguns diagramas e todo o escritório parecia desorganizado e entulhado com peças de metal e fios; um braço mecânico em uma das prateleiras e duas cabeças de protótipos rejeitados se destacava entre a bagunça. Mas ele tinha um sistema e por isso a diretora havia proibido os zeladores de entrarem ali ou qualquer pessoal não autorizado.

Com um grunhido cansado, ele se jogou na cadeira, girando até parar de frente para os robôs conectados ao computador principal. Os modelos finais para o lançamento tinham um pouco mais de um metro e pesavam apenas 50 kg devido ao novo material das juntas e carapaça. O pessoal do marketing havia insistido que toda a linha fosse pintada de um marfim lustroso – o que, honestamente, deixava a cabeça arredondada dos robôs parecendo um ovo rachado. O papel de Hugo na empresa, no entanto, não era julgar decisões estéticas, mas

sim fazer com que tudo funcionasse sem problemas para que em dois meses, todo brasileiro tivesse um MIMIC em casa. Ou todos com dinheiro, como era normalmente o caso na primeira leva.

Hugo fez uma careta e cruzou os braços, analisando as duas figuras imóveis e desligadas. Havia trabalhado por tanto tempo na ideia do que eles poderiam ser que vê-los agora era bizarro e levemente desapontador. Mas a realidade sempre era assim, principalmente quando todas as equações haviam sido resolvidas e os circuitos conectados. Felizmente para ele e sua natureza *workaholic*, no entanto, ainda havia uma pilha de relatórios em sua mesa e muito trabalho pela frente.

Na verdade, o conceito por trás dos MIMIC era bem simples: eles possuíam captação e armazenamento de memória que, por sua vez, criavam novas linhas de código e comando. Ou seja, eles podiam aprender tarefas motoras e identificar o momento em que deveriam usá-las. Cabia a Hugo ensinar noções de movimentos básicos para que os robôs pudessem crescer e reconhecer padrões. Por exemplo, eles estavam programados para reagir em situações de violência e automaticamente chamar a polícia, sem jamais machucar humanos. Possuíam sensores de força que regulavam seus gestos e reconheciam entonações de voz e sons, podendo determinar humores e linguagem corporal.

Em resumo, a primeira fase consistiu em ensiná-los o pior da humanidade e, agora, Hugo precisava mostrar o melhor. Ironicamente, isso também explicava sua falta de progresso, pois ele era alguém fundamentalmente racional, que se pautava em fatos para argumentação e, admitia, divertimento. Você sabia que ratos sentem cócegas igual aos humanos? Bem, ele sabia. Era um sucesso nas festas.

Hugo mal conseguia falar com seus vizinhos e agora tinha que condensar o que era bondade, empatia, sentimentos positivos e vida em sociedade para duas máquinas. Parecia uma piada de mau gosto.

— Que um raio caia!... na casa e exploda!... o gato de Schrödinger! — exclamou frustrado, mas parando quando notou que havia alguém na porta: um homem alto e de cabelos encaracolados, pele bronzada e olhos castanhos. Ele segurava um carrinho de limpeza e estava com o uniforme da equipe de higienização, um macacão azul escuro que contrastava com as paredes brancas da sala.

Os dois ficaram se encarando enquanto Hugo lentamente baixava as mãos dos cabelos bagunçados, ajeitava os óculos tortos e limpava a garganta, fazendo o estranho sorrir, divertindo-se.

— O que o bichano fez para você?

— Ah, não, o gato já está morto...

— A menos que não esteja. Todo o problema se desenrola disso, não? Do paradoxo? Na minha opinião, ele devia estar vivo e uma sociedade defensora dos animais tinha que ter prendido esse cara.

— É um exercício mental, Schrödinger não... — Hugo se interrompeu e limpou a garganta. — O que você está fazendo aqui?

— Limpando.

Ele devia ser novato.

— Aqui é meu laboratório particular.

— Tudo bem, eu posso voltar mais tarde. Desculpe interromper seu...

— Passou os olhos pelo estado do lugar e do cientista. — Processo criativo.

— Não.

— Não?

— Quis dizer que não precisa.

— Mas é meu trabalho.

Aquela conversa definitivamente não seguia os padrões da lógica como se conhecia. Hugo suspirou e olhou para os robôs a sua frente, depois de volta para a inesperada distração que, admitia, era bem bonita e tinha aquele sorriso torto que fazia você esquecer o próprio nome. Não que isso significasse algo, não, eram só... fatos. Seguros, coerentes e... palpáveis... fatos. Limpou a garganta.

Já que havia sido interrompido e seu trabalho não estava fluindo, podia muito bem tentar uma abordagem diferente. Era assim que a ciência funcionava, afinal.

— Na verdade, pode me dar uma opinião em uma coisa?

— Sim, você fica bonito de verde.

— O quê?

— Quê? — Ele lhe lançou um olhar inocente pouco convincente, deixando um silêncio confuso reinar no ar por um segundo até soltar uma risada. Então cruzou os braços e se apoiou na porta. — Desculpe, desculpe. Estou brincando. Claro que posso dar uma opinião, o que quer saber?

Hugo quase repensou a sua decisão, mas, honestamente, estava desesperado.

— O que você considera que nos faz... humanos?

Mais uma vez o silêncio se instalou e Hugo quase deu um tapa na testa. Era sempre assim, ele não refletia antes de falar ou era grosseiro. As pessoas lhe lançavam aquele olhar estranho, como se ele fosse um corpo desconhecido e hostil, e davam uma desculpa para ir embora. E Hugo ficava sozinho, tentando

entender o que havia feito de errado.

— Imagino que para você estar me perguntando, você quer um viés mais...

— Empírico, sim.

— Ah. — O outro se mexeu incomodado. — Acho que não saberia dizer. Sentimentos?

Ele suspirou.

— Eu não estou me fazendo entender. — Tocou a testa, cansado. — Acho que o que quero perguntar é... O que te faz feliz? Como pessoa?

O moreno ergueu as sobrancelhas.

— Que pergunta intensa para uma primeira impressão.

— Droga. Eu fui estranho, não fui? Desculpe, não precisa responder. Não queria te fazer perder tempo, você...

— Não, não. Quer dizer, sim, você é um pouco estranho, mas não tem problema. Honestamente, eu também sou. — Ele fitou Hugo com interesse e depois o relógio. — Façamos o seguinte, eu preciso terminar meu trabalho ainda. Me deixe pensar na sua pergunta por um dia. Amanhã eu venho, trago uma resposta e você me deixa dar um jeito no seu laboratório.

— Você não precisa fazer isso.

— É meu trabalho, já disse.

— Você não precisa se ocupar ainda mais só porque eu perguntei uma besteira.

Ele deu de ombros, mantendo contato visual.

— Eu gostei da pergunta, não acho besteira. As pessoas deveriam ser capazes de responder isso. O que as fazem felizes. Eu vou pensar em algo bom para te dizer. É para o seu projeto?

Hugo fez que sim, se levantando e tocando a cabeça de um dos robôs.

— Em parte.

— Mais um motivo para eu ter uma resposta à altura. Não posso estragar o... Como era mesmo? O *“presente para as pessoas”* e um mundo melhor?

Hugo fez um som engraçado parecido com o de um porco, ficando imediatamente sem graça. Procurou então se ocupar em tirar os óculos e limpar as lentes com a aba do jaleco, uma desculpa para se focar em qualquer outra coisa que não fosse o homem bonito de uniforme. Ver o mundo borrado sempre o ajudava com a vergonha.

— A diretora sabe exagerar as coisas.

— Não acho exagero, eles são incríveis. E você também, já que os criou.

Um terceiro silêncio reinou, diferente dos outros. Mais envolvente e

confortável. Especial de algum jeito que faltava palavras, e com mais coisas ditas do que qualquer conversa que eles tiveram até o momento. Quando Hugo finalmente recolocou a armação, o estranho já estava empurrando o carrinho de volta para o corredor.

— Tenho que ir. Nos vemos depois — disse, acenando.

Hugo imediatamente acenou de volta, mantendo o gesto mesmo depois que a porta foi fechada e ele se viu de volta à companhia de seus pensamentos e os dois robôs com cabeça de ovo.

— Eu não perguntei o nome dele — reclamou, baixinho.

Então deixou o braço cair ao lado do corpo e piscou, tentando entender o que havia acontecido ali. Tocou o rosto e ficou pelo menos dois minutos murmurando sons sem sentido. Era só o que faltava.



No âmbito da astronomia e física, uma singularidade é um ponto onde as leis do universo se dobram, resultando em uma curvatura infinita do espaço-tempo. Como a explosão que resultou em nosso universo, é um evento extraordinário que vai contra tudo o que é esperado e onde coisas impossíveis podem acontecer.

Quando Hugo viu o borrão de azul entrar em seu laboratório pela segunda noite seguida, ele teve certeza de que estava vivenciando um desses momentos.

— Você voltou — comentou recolocando os óculos e olhando-o de cima a baixo, surpreso.

— Claro que sim, eu sempre cumpro com a minha palavra. — Ele sorriu, sua voz ecoando suavemente devido a acústica da sala. Voz de cantor. Quando estava perto o suficiente, Hugo finalmente pode ver seu crachá. — Eu não me apresentei, não é mesmo? Arthur. — Ele lhe estendeu a mão.

— Hugo.

O toque gerou uma leve estática, migrando dos dedos para a boca do estômago. Os dois se olharam e Hugo se engasgou, tossindo.

— Então, é aqui que a magia acontece? — Arthur sorriu, felizmente mudando o assunto e educadamente se virando para os robôs. — São estes os seus filhos?

— Não exatamente filhos, mas sim, são os modelos finais dos MIMIC, Isaac e Asimov. — Apontou, se sentindo nervoso por algum motivo.

— Igual o autor?

— Você conhece?

— Sim. Eu lia muitos clássicos *sci-fi* na biblioteca da minha escola. Era bom para escapar e ansiar.

— Ansiar?

— Pelos carros voadores, viagem no tempo, tropas estelares, esse tipo de coisa. — Ele sorriu e se apoiou na mesa, dando de ombros. — Ainda estou esperando.

Hugo se viu sorrindo de volta.

— Vai demorar um pouco para termos aerocarros.

— Mas já temos robôs, estou satisfeito. — Arthur olhou novamente para os MIMIC e tombou a cabeça para o lado. — Sabe, eles parecem astronautas.

— É de propósito. A diretora achou que isso alimentaria a imaginação das pessoas e facilitaria as vendas.

— Ela soa alguém que pensa em tudo.

— Faz parte da proposta da empresa, e a Dra. Souza faz questão de estar atenta aos detalhes de venda e produção de todos os produtos.

— Ciência e tecnologia para todos, não é?

Hugo fez que sim.

— Por isso quis trabalhar aqui, mesmo com todo o marketing e burocracia, estamos ajudando as pessoas. Ou tentando.

Arthur analisou-o com mais atenção, fazendo-o ruborizar.

— Você não é tão ruim como falam.

— As pessoas falam de mim? — Levantou as sobrancelhas.

— Não exatamente. Eu meio que... perguntei sobre você para os meus colegas. Me falaram que você era tão distante quanto os robôs. Talvez até um deles.

Hugo sentiu os ombros murcharem e suspirou, sentando-se na cadeira ao lado. Não deveria estar surpreso por sua fama não ser das melhores. Ele não interagia com os colegas como deveria ou mesmo aceitava convites para saídas, sua ansiedade não permitia. Claro que isso seria interpretado como frieza. Mas mesmo assim, no fundo, havia nutrido a esperança de que pelo menos soubessem que ele tentava.

— Eu não sou muito bom com pessoas.

— Está lidando bem comigo.

— Você é diferente, eu te pedi para vir aqui.

Algo mudou na feição de Arthur e ele se inclinou em sua direção, permitindo que Hugo sentisse um toque de perfume por trás do cheiro de produtos de limpeza.

— Exato, você pediu e isso já é suficiente. Os outros que se virem se precisarem de mais atenção. Cada um tem seu ritmo.

De perto, dava para ver que os olhos dele tinham um pequeno círculo amarelo contornando a íris, que se espalhava como raízes de uma árvore em meio a terra. Olhar para eles era encontrar um mundo novo e Hugo nunca se sentiu tão inseguro e fascinado ao mesmo tempo. Baixou a cabeça e concordou, encarando os próprios sapatos.

— Obrigado.

Arthur se endireitou e puxou uma cadeira para se sentar ao lado dele, tomando impulso e girando um pouco no assento.

— Por que me perguntou aquilo ontem? Sobre o que me faz feliz?

— Ah. Bem, é para a programação deles. — Apontou para Isaac e Asimov.

— Para não virarem robôs assassinos que querem acabar com a humanidade?

— Eles não têm poder ou capacidade para isso, mas algo assim. Esse trabalho todo, na verdade, é para que eles não possam ser usados como armas. Veja bem, a palavra robô vem de uma peça checa chamada R.U.R, onde pessoas denominadas *roboti* eram criadas a partir de matéria orgânica sintética para trabalharem para os humanos naturais.

— Uh, isso não pode ter acabado bem.

— Não, eles se rebelam e levam à extinção da raça humana.

— Como eu disse.

— O ponto é: desde aí nossa visão de um robô é de algo servil, uma ferramenta que pode nos substituir. No fundo eles são mesmo utilitários, principalmente os MIMIC, então isso levanta uma questão muito importante: quem vai estar manipulando-os.

— Como assim?

Os dois olharam para os robôs baixinhos, para os braços de metal e pernas com rodas embutidas para velocidade. O tronco quadrado e fixado a uma base móvel que permitia um movimento de 360° e flexibilidade.

— Eles são como espelhos. Aprendem o que veem e assimilam, mantendo a ordem primária do código. O diferencial deles é que, ao contrário do esperado, a função base não é servir. É fazer o usuário feliz.

Arthur levantou uma sobrancelha, parando de girar a cadeira de modo que seu joelho encostou levemente no de Hugo.

— Está dizendo então que eles estão mais para brinquedos?

— Não, não. Longe disso. Pense assim: se eles fossem feitos somente

para obedecer, precisaríamos das leis da robótica e teríamos paradoxos terríveis e situações éticas duvidosas. Um robô que somente obedece pode acabar fazendo algo ruim a pedido do dono ou até mesmo interpretar uma situação de forma errada e causar danos. Mas um robô programado para ajudar tem objetivos e maneiras diferentes de resolver a situação. Ele sabe que deve evitar o mal, sentimental e biológico, de alguém.

— Então por isso a dúvida.

— Exato. O que me faz feliz não é igual para você e vice-versa, então para o cerne deles vou ter que programar e demonstrar situações que causem felicidade generalizada, grupal. Depois eles se tornarão mais específicos pela experiência com o usuário. O problema é que eu... Como já disse, eu sou estranho...

— Fofo. — Arthur corrigiu, erguendo um dedo. — Diferente. Um pouquinho excessivo em alguns tópicos.

— ...então não tenho ideia de por onde começar. — Hugo finalizou, deitando a cabeça no encosto e olhando para as luzes do teto. Estava tentando também não pensar no porquê de estar conversando tão abertamente sobre assuntos pessoais e de trabalho com um cara que havia acabado de conhecer. — Me assusta pensar que alguém pode fazer mal com algo que eu criei, então quero dar o melhor de mim e acertar.

— Eu entendo esse sentimento. É muita responsabilidade.

— Com certeza.

— Mas ainda acho que você está se saindo bem.

Hugo bufou algo baixinho e se levantou, fitando-o. Arthur olhou-o de volta em expectativa, esperando. Hugo então cruzou os braços, abriu a boca, fechou-a, tentou de novo e ergueu um dedo. Pensou melhor, baixou a mão, passou a outra no rosto e ajeitou os óculos.

— O quê? — Arthur insistiu, tentando não achar graça.

— Você está sendo muito legal comigo.

— Tudo bem...?

— E escuta o que eu falo. E ainda não foi embora. Na verdade, teve a chance de ir e voltou.

— Sim?

— Por quê? Por que está fazendo isso? Está tentando roubar meu trabalho? É contratado de outra empresa? É isso?

Arthur piscou algumas vezes, passando a língua nos lábios enquanto tentava se situar.

— As pessoas te machucaram tanto assim? Para você não reconhecer

alguém tentando se aproximar e achar que é espionagem industrial?

— Não seja gentil. Responda.

— Responder o quê?

— Por que você quer se aproximar de mim?

Ele suspirou e se levantou também. Ergueu as mãos e, com cuidado, pegou os óculos das mãos de Hugo, limpou-os delicadamente e recolocou-os em seu rosto.

— Estou tentando me aproximar porque eu te achei atraente. Inteligente, interessante e tremendamente *sexy* quando tira os óculos quando não sabe como agir. Isso responde sua pergunta?

Foi como um tapa na cara, mas... bom. Hugo piscou e ruborizou enquanto tentava não entrar em pânico. Seu coração estava acelerado, suas pupilas dilatadas e ele não sabia se era ansiedade, um ataque cardíaco ou algo completamente diferente e bem mais assustador. Engoliu em seco, sentindo que aquela situação deveria ser aproveitada de alguma maneira, mas temendo admitir como ou o que queria.

A última vez que estivera assim com um homem, foi dispensado na mesma noite e nunca mais contatado. Descartado igual um modelo quebrado, que não era bom o suficiente. Essa havia sido sua sina desde sempre: tentar ser o melhor aluno, o filho prodígio, o funcionário perfeito, e falhado miseravelmente em tudo. As derrotas foram tantas que ele havia se contentado em ficar sozinho. Havia *aprendido* a ser sozinho.

E aí, do nada, Arthur apareceu e entrou em sua redoma, tomando todo o oxigênio de seus pulmões, a paz de seu coração e a sanidade de seu cérebro. Foi rápido demais, ele não estava preparado e não sabia o que fazer.

Parecendo perceber isso, Arthur se afastou alguns passos e colocou as mãos na cintura, balançando a cabeça. Mudou o apoio dos pés e deu um sorriso apologético.

— Eu fiz de novo, não? Invadi seu espaço pessoal e te deixei desconfortável. Desculpa. — E depois acrescentou baixinho para si mesmo, enquanto passava a mão nos cabelos: — *Droga, eu sempre faço besteira.*

— Você? Besteira?

Ele parou ao notar a expressão de Hugo e concordou, gentil.

— Todos nós temos gafes sociais, ninguém se sente cem por cento seguro falando e lidando com outra pessoa. A prática ajuda, mas em geral, todos nós podemos evoluir em alguma coisa e aprender a lidar melhor um com o outro. Como seus robôs.

Hugo digeriu aquelas palavras, finalmente sentindo o coração normali-

zar os batimentos.

— Eu não... Eu não sei o quê...

— Ei, não era a hora, erro meu. Eu tive que tentar, você estava tão... — Ele olhou-o de um jeito intenso e balançou a cabeça. — Enfim, acho que... devo ter interpretado errado. Aliás, ficamos falando muito e eu perdi a hora. Tenho que ir. — Com pressa, ele se virou para o carrinho, empurrando-o pela porta. — E eu acabei nem respondendo a sua pergunta!

— Não tem problema.

— Nem arrumei o laboratório.

— Não precisa, eu já disse.

— É meu trabalho.

Hugo se viu sorrindo. Aparentemente, em algum momento, ele teria que aceitar ter seu laboratório arrumado. Respirou fundo, assimilando a bagunça que em todos os sentidos o cercava e cerrou os punhos. Não podia continuar afastando todos daquela maneira, mesmo sem querer. Ele era como um buraco negro e Arthur, aparentemente, era a sua inesperada e maravilhosa singularidade. Seria burrice deixá-lo ir.

Mordeu os lábios, olhando-o atravessar hesitante o arco da entrada e, movido por aquela mesma energia estranha que parecia formigar em seu peito, ele se adiantou para alcançá-lo.

— Por que não volta amanhã e me responde? Está me devendo, afinal. Por um mundo melhor.

Arthur estancou, brincando com um spray tira-manchas antes de concordar.

— Claro, claro. Eu posso fazer isso.

— E, Arthur?

— Oi?

— Você não entendeu errado, é só que... Como eu disse, não sou o melhor com pessoas. Então preciso de um pouco mais de... Coragem.

Ele analisou aquelas palavras, fazendo uma expressão um pouco metida ao entender seu significado. Hugo sabia que estava vermelho, então se sentiu muito grato quando ele apenas deu uma piscadela.

— Nos vemos amanhã então, astronauta.

Concordou e fechou a porta, soltando a respiração que não sabia estar prendendo.

Olhou de relance para os robôs e em seguida foi até o computador, sentando na cadeira de qualquer jeito e quase caindo antes de se ajeitar e começar a

digitar. Havia repentinamente entendido muitas coisas ali e se tudo desse certo, amanhã poderia começar a fase dois dos testes. E, talvez... talvez pudesse presenciar o seu *Big Bang* particular, dando início a todo um novo universo.

De repente estava se sentindo muito corajoso.



Emoções tornam tudo mais complexo. Até mesmo lágrimas são formadas por químicas diferentes dependendo do motivo que são derramadas, seja por sentimentos ou fatores biológicos. Essa inconstância era justamente o que tornava tão importante para Hugo alimentar os MIMIC com informações e cenários diversos. Eles tinham que ser capazes de entender variações. Calcular além.

Ele terminou de ajeitar o traje de locomoção, uma espécie de *collant* preto com vários pontinhos brilhantes e sensores, e testou o braço, observando Isaac e Asimov repetirem o gesto com perfeição. Muito parecido com a tecnologia de captação de movimento de jogos, o sistema dos robôs reconhecia as oscilações no tecido e as enviava para a memória, permitindo-os reproduzirem a mesma ação de quem os comandava.

Hugo estava finalizando uma série de calibrações quando Arthur finalmente entrou no laboratório e observou a cena.

— Cada dia é uma surpresa com você.

Parou o que fazia e se endireitou, sentindo-se pego em flagrante.

— Você veio mais cedo hoje.

— Terminei minhas outras tarefas correndo. Acho que estava ansioso.

Os dois se entreolharam e um dos robôs quase derrubou uma mesa quando Hugo ergueu um braço sem pensar e apontou para uma cadeira.

— Opa! Hã, por que não se senta?

— O que você está fazendo com esse visual novo?

— Mostrando alguns movimentos para eles. — Indicou os MIMIC.

— Irado. — Arthur se sentou e tirou um pedaço de papel do bolso. —

Aqui, como prometido, eu fiz uma lista com a resposta para a sua pergunta. Decidi que não tem algo grande e generalizado que me faz feliz, mas coisas pequenas. Então escrevi as principais.

O cientista pegou o papel com cuidado e analisou o que estava escrito, sorrindo um pouco.

— São só três itens.

— Eu sou um cara simples.

Não, definitivamente ele era tudo menos simples.

— Abraços. — leu.

— Eu sou do tipo que abraça todo mundo. Minha irmã mais nova me chamava de “urmão”. Urso e irmão. — Fez uma careta. — Ela não era muito criativa quando pequena...

Hugo riu.

— Você tem muitos irmãos?

— Não, só ela. Bianca. Faz um tempo que não a vejo, desde que mudei de cidade. Você tem algum?

— Não, sou filho único. Você deve sentir falta dela.

— Todo dia.

Ele voltou à lista.

— Sorvete de menta com flocos?

— Meu preferido.

— Não é um que tem gosto de pasta de dente?

— Ofensa! O contraste com o chocolate é perfeito. Tem uma lojinha de picolés artesanais perto de casa que faz um então... Quem sabe um dia eu possa te levar lá. Aí vai se arrepender de ter chamado tamanha perfeição de pasta de dente. Se você quiser, obviamente.

— Eu gostaria de ir. Se quiser mesmo me convidar.

Arthur tombou a cabeça para o lado e colocou as mãos nos bolsos, trazendo a cadeira para mais perto.

— Está diferente hoje, mais confiante.

— Me sinto energizado. Fiz um bom progresso ontem depois que conversamos e isso me deixou...

— Feliz? Trabalhar é uma das coisas que você colocaria na sua lista se fosse fazer uma?

— Resolver problemas, na verdade. Quebra-cabeças.

— O que quer que seja, caí bem em você. — Ele olhou-o de cima a baixo e pareceu reunir coragem, se levantando e quebrando o resto da distância. — Viu o último item?

Hugo leu o rabisco no final da página.

— Dançar?

— Uma das minhas atividades preferidas, na verdade.

— Oh.

Aquilo era péssimo, ele mal conseguia subir uma escada com elegância, quanto mais fazer passos de dança. Esteve repetindo para si mesmo que era merecedor daquela atenção, que tinha o direito de ser feliz, mas era difícil lutar contra o monstinho que sussurrava em seu ouvido que ele jamais seria o sufi-

ciente. Que doía menos ficar só.

— Pensei que podíamos tentar. Em um encontro, quer dizer. Tem um clube que...

— Não, desculpe. Já disse que não gosto de ambientes com muitas pessoas.

— Ah. — Arthur parou, pego de surpresa pelo tom cortante. — Então, deixa para lá. Uma pena. — Sentou-se novamente, baixando os olhos.

Hugo resmungou, tocando a nuca com raiva de si mesmo. Empatia, lembrou-se. Depois de saber o que achavam dele dentro da empresa, havia aprendido que era melhor ser cuidadoso com as coisas que falava para os outros. Arthur havia dito que dançar era a coisa favorita dele, então...

— Me pergunte meu animal preferido. — pediu.

— O quê?

— Só pergunte. — Gesticulou um movimento qualquer que os robôs imitaram.

— Qual é seu animal preferido, Hugo?

O jeito que ele falou seu nome quase fez os joelhos dele falharem, principalmente pelo “u” que parecia formar um beijo nos lábios grossos.

— Pinguins.

— Pinguins?

— Sim. Você sabia que eles são monógamos? Escolhem um parceiro para a vida toda e lutam contra as dificuldades do inverno juntos. Podem ocasionalmente ter que se separar em jornadas atrás de alimento, cruzando centenas de quilômetros, mas sempre retornam um para o outro.

— Olha só. Jamais imaginaria que por baixo desse jaleco teria um romântico escondido!

Hugo ruborizou, abrindo e fechando a boca desengonçado antes de reunir coragem e inflar o peito, continuando.

— E mais, sabe como eles escolhem seus parceiros?

— Como?

— Dançando. — E lhe estendeu a mão.

Arthur soltou uma risada, maravilhado.

— Uau! Isso foi uma cantada?!

— Eu só... Eu não gosto da companhia de outras pessoas. Mas gosto da sua e você queria dançar, então... — Ele continuou com a mão erguida, sem graça. Queria enfiar a cabeça em um buraco de minhoca, ir para um universo paralelo e morrer de vergonha.

Arthur por sua vez parecia encantado.

— Espera, precisamos de música. — Ele tirou o celular do bolso. — Eles têm caixa de som? — Apontou para os robôs.

— Está me perguntando se as máquinas mais avançadas do país tem caixa de som?

— Estou.

— Eles têm. Procure por “hugox32” e conecte.

As vibrações de uma bateria e um baixo começaram a criar uma melodia agradável enquanto a música inundava o ambiente.

— Kid Abelha?

— Sim, se chama “*Nada sei*” ou “*Apnéia*”, fica a gosto do freguês.

— Eles nomearam a música com uma condição médica? É quando a respiração é interrompida e...

— Assim?

Arthur segurou a mão dele e puxou-o para mais perto, emanando calor com a proximidade. Hugo sentiu o toque em sua pele com prazer e surpresa, perdendo o fôlego.

— É, assim mesmo — disse baixinho, tentando não tropeçar nos próprios pés e fazendo o outro rir. Ele então girou-o e lhe permitiu se afastar, sem quebrar o contato.

— Só estamos eu e você aqui, Hugo. Pode se deixar levar. — Foi quase um sussurro, mas pareceu ecoar com a letra da música.

Foi estranho, mas aos poucos ele deixou o corpo relaxar e começou a se mexer como lhe convinha, deduzindo com satisfação que Arthur fazia o mesmo. Os dois pareciam doidos dançando em meio um laboratório e, no entanto, nenhum dava a mínima. Os MIMIC ao lado deles imediatamente assimilaram os movimentos e começaram a reproduzi-los também, se juntando a coreografia caótica. Era uma cena surreal e encantadora que Hugo tinha certeza de que jamais se esqueceria.

Fechou os olhos, embalado pelo contato, cheiros e sons que lhe embriagavam os sentidos.

— Ei, Arthur?

— Uhm?

— Eu quero muito te beijar agora.

Arthur parou de dançar por um segundo e tocou-o no rosto com cuidado.

— Achei que nunca fosse pedir.

E, como em uma explosão, uniu os lábios em um surpreendente, especial e perfeito momento.

Dezembro – Revista Umbra, ed.60

UM ROBÔ PARA A TODOS GOVERNAR!

O final do ano traz algumas certezas: a família vai se reunir, as pessoas vão comprar presentes e um MIMIC definitivamente estará na lista da maioria delas. Sucesso retumbante de venda, o novo produto da empresa Dreamedia tem recebido ótimas críticas e resenhas, principalmente na área da saúde, na qual os robôs foram implantados para acompanhamento emocional com idosos, recuperação de pacientes internados e até mesmo fisioterapia.

Prometendo uma experiência única, cada unidade garante ajudar e incentivar seu usuário em situações sociais, individuais e pessoais.

Quando indagado sobre o que tornava os robôs tão especiais, o criador dos MIMIC e ganhador do prêmio Nobel de Física, Hugo Silva de Oliveira, surpreendeu a todos com apenas uma resposta: amor.



Contista maranhense, tem publicações nas editoras Wish, Lendari, Cartola, Sem Tinta e plataformas online. Perdida entre fantasia e terror.

Assim Teria Sido

Autoria: K. G. Joner | Edição: Ana Farias Ferrari | Revisão: Camila Paixão

E assim teria sido
Se eu não tivesse te conhecido:
Eu não teria me iludido
Com um sonho falido,
E nem teria sofrido
Com um amor mal vivido;
Nem a dor teria coincidido
Com meu coração, agora, partido.
E evitar-se-ia o acontecido
Se eu não fosse atingido
Pela flecha do cupido.

E não teria me entorpecido
Com seu cheiro, seu jeito, seu riso,
Nem teria convivido
Com o exalar enaltecido
Do seu melhor, em mim mantido.

De fato, assim melhor ter sido,
Senão eu teria perseguido
O desgraçado do cupido.

Mas eu também teria perdido
Seu deslumbrante sorriso,
E jamais teria percebido
Sob seu olhar, o poço escondido,
Onde jaz o que não precisava ser dito.



Kaio desenha com mais vontade do que habilidade, faz trilhas esporadicamente, curte rock clássico e toca violão para as paredes. É um adepto do minimalismo ainda com tralhas a serem jogadas fora na próxima mudança. Sabe que não existe lugares mais mágicos do que uma praia ao pôr-do-sol, uma noite de primavera e um par de olhos apaixonados.

Correio Elegante

Autoria: Tatiana Iegoroff | Edição: Luísa Scheid | Revisão: Thais Rocha

07 de fevereiro de 2021

Hoje eu resolvi escrever para você.

Sim, sei que é meu aniversário e que eu poderia estar respondendo às felicitações. Mas você sabe: o que me faz realmente feliz é pensar no seu sorriso. Em você, na verdade.

Sabe como é, né? Daqui a uma semana é Valentine's Day. Sim, um nome americano, uma data americana. Também podemos chamar de Giorno di San Valentino. Parece que qualquer coisa em italiano soa mais romântico, não? Bom, também podemos não chamar de nada e aceitar que, no Brasil, é só mais um dia. Mas, você sabe, eu gosto de qualquer desculpa possível para comemorar com você. Há quase um ano, porém, a gente teve que se reinventar. Nossas comemorações passaram a ser virtuais. Mas não têm a mesma graça, por mais que nos esforcemos, né? Você acredita que já faz quase um ano? Onze meses, se quisermos ser mais precisos. Como era a vida antes disso?

Acho que estou divagando demais e fugindo do propósito destas palavras. Sentei para escrever porque hoje é dia sete e falta exatamente uma semana para essa tal data aí, que é como um dia dos namorados para quase todo o resto do mundo, exceto para os brasileiros que, definitivamente, transformaram o dia dos namorados numa data meramente comercial. Acho que isso diz muito sobre nós, né? Não digo “nós”, pensando em mim e em você, mas em nós, seres humanos. Seres humanos brasileiros. Esquecemos o que era amar muito antes de esquecermos como era poder celebrar qualquer coisinha lado a lado (fisicamente, digo).

Desculpa, fugi de novo do assunto. Mas você gosta, né? Aliás, você quem me ensinou a viver pensando. Refletindo sobre as coisas da vida. E aí, ao invés de falar o que eu queria, estou aqui, divagando sobre o fato do dia dos namorados ser uma data comercial.

Foco.

Sentei aqui, hoje, porque quero que esta carta chegue a você em uma semana. Se bem que eu nunca consigo prever quando os Correios entregarão algo. De repente, eu poderia enviar por algum aplicativo, ao menos teria a cer-

teza de que chegaria no dia certo. Parece loucura demais, né? Chamar um aplicativo para te entregar um pedaço de papel. Mas é mais que isso, não? Digo, você sabe, eu sei, a nossa relação com as palavras... Sentar e escrever não é apenas jogar uma palavra atrás da outra. Também é sentir e viver aquilo.

Ai, de novo eu mudei todo o rumo da prosa. Você já deve achar que estou só te enrolando. Mas o que eu queria era estar enrolando os cachinhos do seu cabelo entre meus dedos, fazer um cafuné enquanto conversamos sobre assuntos variados. Quase como essa carta, que vagueia sem rumo e não chega a ponto algum.

Ou talvez chegue! Porque, a esta altura, você já deve ter compreendido que tudo isso, além de amor, é saudade. Saudade da sua companhia a qualquer hora, das conversas sobre tudo, do nosso contato corpo a corpo. Por enquanto, tudo o que posso é derramar sentimentos (e lágrimas) nestas páginas.

Hoje é meu aniversário, mas já que não posso sair de casa, prefiro sentar em minha escrivaninha e escrever. Sim, isso não é algo que eu faça sempre e, por isso, resolvi comemorar mais um ano de vida desta forma. Celebro o meu aniversário assim para que daqui a uma semana possamos celebrar o nosso amor. Ainda que o celebremos todos os dias. Como celebramos a vida.

Eu amo você. E sinto a sua falta.

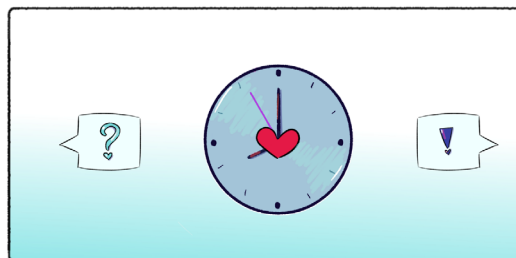
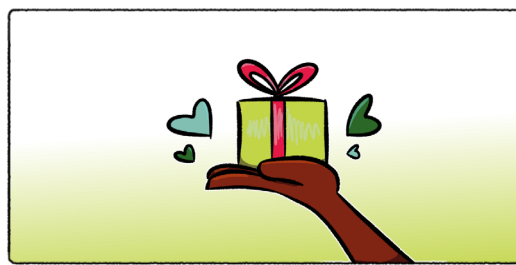
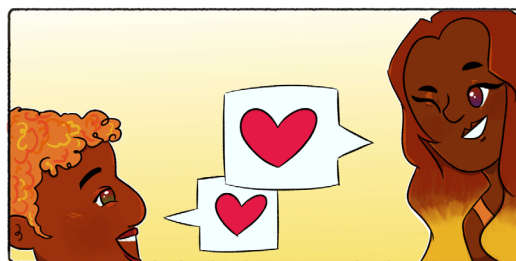
Um abraço cheio de carinho.

E beijos, muitos beijos.



Tati legoroff sempre foi uma devoradora de livros e resolveu fazer desta a sua (quase) profissão. Ela adoraria ter um vira-tempo, já que preenche seus dias com as mais diversas atividades, dividindo-se entre aulas de italiano (que prepara e ministra), revisões, leituras e o Blog das Tatianices, espaço no qual reúne todas essas paixões (e mais algumas outras).

Aurora: Sansa



Sansa é uma jovem artista paulistana. Ela publica seus desenhos em suas redes sociais nas quais tem se exposto cada vez mais. Suas referências são ecléticas, mas sempre mirando no simples, direto e colorido, maior parte do tempo é pega desenhando idols do kpop ou meninas mágicas.

Créditos

Equipe editorial

Ana Farias Ferrari

Camila Paixão

Luísa Scheid

Tatiane Lucheis

Thais Rocha

Equipe de design

Rafael Lopes

Vitor Teixeira

Autores convidados

Alan Antunes

Comic Sansa

Érulos Ferrari Filho

K. G. Joner

Sophia Leite

Tatiane Iegoroff

Thiago Ambrosio Lage

Thiago Loriggio

Apoiadores

Di Toledo

Meg Mendes

Velani Diz

Willian Miyasaka

Apoie esta revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos. Além disso, você também pode votar através do nosso site e dar uma maçã virtual para seus artistas favoritos.

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.



www.revistamacadoamor.com



[@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)



[@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)